ANO 32.º QUARTA-FEIRA, 27 DE AGOSTO DE 1952 N.º 10.682

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO

TELEFONES: 2 0271, 2 0272 e 2 0273 — REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA — EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: *DIBOA* — RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA — ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º — NUMERO AVULSO: 80 CENTAVOS

Anthony Eden

e sua esposa

regressaram hoje

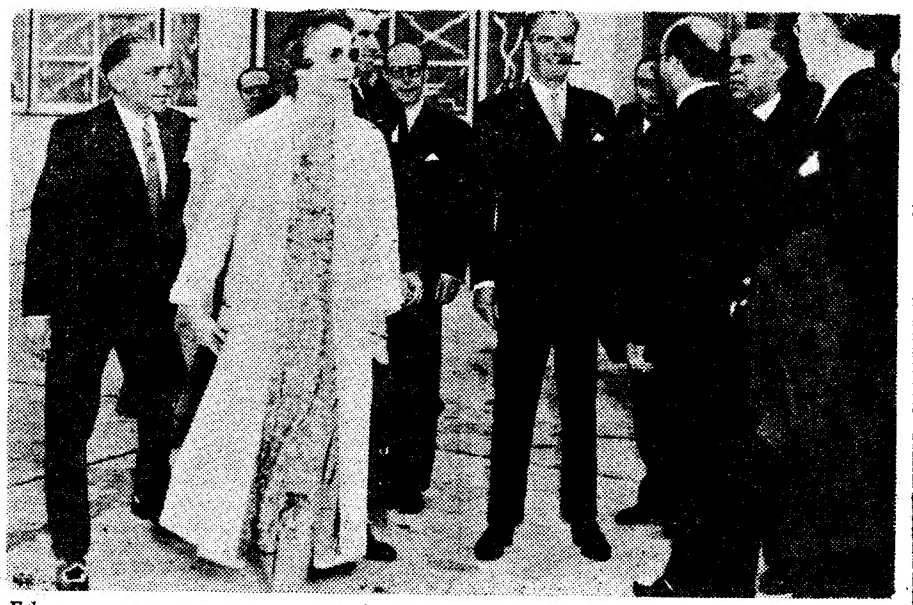
a Londres

num avião português

O sr. Anthony Eden regressou esta manhã a Londres, depois das breves férias que passou entre nós na companhia de sua esposa. Antes de partir quis, porém, que se rompesse a muralha de isolamento que rodeou a sua permanência entre nós e, para isso, recebeu ontem, ao fim da tarde, na Embaixada britanica, cerca de duas dezenas de jornalistas portugueses e ingleses. Em confortáveis cadeiras de verga, desenhando um círculo sob as magníficas árvores do jardim da residência do embaixador sir Nigel Ronald, o chefe do Foreign Office recordou a sua promessa de Fevereiro—de que voltaria a Lisboa—embora, segundo disse, nessa altura não pensasse que a razão desse regresso seria tão próxima e, afinal, tão tocante como a que, efectivamente, a determinou. De resto, apressou-se a acentuar o sr. Eden, a ideia desta lua de mel em Portugal não é apenas sua, mas também de sua esposa... E, ao dizê-lo, voltou-se deferentemente para Lady Clarissa, como a deixar-lhe a aberta para uma confirmação que logo chegou num sorriso cativante. As palavras que se pronunciaram correspondiam ao ambiente e tudo pode, afinal, traduzir-se na síntese que é do próprio sr. Eden: «clima perfeito, paisagem perfeita, amizade perfeita».

Depois, erguendo-se, o sr. Eden deixou que se recortasse inteira aos olhos de todos a sua silhueta que, desde 1935—quando ele era apenas um esperançoso subsecretário de Estado para a S. D. N....—se soube desenhar, em contornos cada vez mais acentuados, na actualidade mundial. Com o seu fato cinzento, de pano fino, ligeiro, quase «negligé», mas elegantemente assertoado, gravata cinzenta, oxfordiana, o rosto corado pelo mesmo sol português que aloura as vides nos socalcos do Douro, passava repetidamente a mão ao correr do cabelo, que se deixou

(Continua na página central)



Eden e sua esposa, no aeroporto, com algumas pessoas que lhe apresentaram despedidas

PÉS DE BARRO

Custa muito a perder os velhos hábitos, sobretudo quando são maus.

Mas temos de nos convencer e conformar com as novas exigências da época—ideias e processos.

Morreram as concepções imperialistas, desvaneceram-se os sonhos ocidentais, amolgaram-se as ostentações quixotescas com que se vestiam as megalomanias.

As coisas agora têm de ser feitas com simpleza, lealdade e proveito.

Até as exibições da vida privada como as da vida publica têm de efectuar-se com modestia ou recato, sob pena de tombarem no ridículo ou de provocarem olhares suspeitosos.

Embora, á margem, continuem a esbracejar os grandes tratadistas de direito publico ou a ouvir-se o seu eco, desde o magno enciclopédico Aristóteles aos estreitos autoritários germanicos ou aos anchos enciclopedistas franceses, com as suas construções formalistas, sem raizes nas necessidades e na consciência dos povos.

A desagregação que se está a verificar em grandes ou velhos Estados (Inglaterra, França, Alemanha, China, Pérsia, etc.), as convulsões de rebeldia ou independência que o vento sopra de todos os lados são desabafos naturais, emergentes da própria evolução dos seres, o lógico desmembramento, que a seu tempo atingirá, possivelmente os Estados Unidos e a Russia.

O Império de Alexandre, em que

DIAS FERREIRA

(Continua na 3.ª pag.)

Coreia

As negociações

de armistício

foram adiadas

pela quinta vez

PAN-MUN-JON, 27. — Pela quinta vez consecutiva, os negociadores do armisticio adiaram os trabalhos para a semana seguinte. Na reunião desta manhã, só conseguiram verificar mais uma vez que a questão da troca dos prisioneiros impede tôdo e qualquer progresso das negociações.

Ao findar a reunião, o general William Harrison, chefe da delegação aliada, disse que os delegados comunistas aceitaram a sua proposta de adiamento sem protesto.

A reunião efectuou-se no chalé que os Sino-Coreanos mandaram construir e que substitui a tenda de campanha utilizada até agora.

O general Harrison tornou a pedir aos comunistas que respondam á carta que lhes entregou em 5 do corrente, pedindo que os prisioneiros das Nações Unidas em poder dos Sino-Coreanos possam receber encomendas individuais e remessas colectivas de víveres. O delegado comunista respondeu que o assunto está a ser estudado.—(France Presse).

O custo da guerra fria

é apenas uma fracção do custo da guerra geral

— *afirmou Adlai Stevenson*

ao discursar em Nova York

NOVA YORK, 27.—O governador Adlai E. Stevenson, candidato democrático á Presidência, declarou hoje na Convenção Nacional da Legião Americana, reunida em Madison Square Garden, que os Estados Unidos tinham juntado a sua força á doutras nações para auto-protecção e que todo o Mundo livre sabia que os Estados Unidos não procuravam conquistar o dominio sobre qualquer outra nação.

«Se há os que estão atrás da Cortina de Ferro que o ignoram, é por os seus senhores não desejarem que eles o saibam»—declarou.

Stevenson prosseguiu: «Não estou certo de que históricamente tenha havido outra nação poderosa na qual se tenha confiado tanto como se confia hoje nos Estados Unidos. E' algo de novo sob o Sol as nações mais orgulhosas da Terra terem, não só aceitado a chefia americana no esforço de defesa comum, mas também recebido com agrado as nossas tropas e bases no seu território. Portos, á volta do Mundo, estão abertos aos navios de guerra americanos, de dia ou de noite. Os nossos aviadores estão estacionados nas terras mais distantes, porém, nem tudo é perfeito. Há ainda interesses vitais que nós e os nossos aliados não estamos militarmente preparados para defender. Alguns de nós têm relutancia em admitir que a paz não pode ser conquistada por preço barato, com

(Continua na ultima página)

A XVII VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

Numa etapa emocionante

António Maria foi o primeiro em Évora

acompanhado por Mario Fazio e Amândio Cardoso

(Do nosso enviado especial)

EVORA, 27. (Pelo telefone)—A partida oficial em Castelo Branco foi dada ás 7 h. e 10 minutos, na Avenida de Nuno Alvarez, ainda o dia não tinha rompido por completo.

Todos os corredores respondem á chamada e aparecem muito bem dispostos, apesar das ultimas etapas haverem sido durissimas. E' que a circunstancia de as tiradas terem sido disputadas de manhã dá tempo suficiente, além doutras vantagens, para os ciclistas descansarem e recompor, por isso, as suas fôrças.

Assim todos hoje se apresentaram frescos á partida de Castelo Branco e—repetimos—aparentando boa disposição.

A equipa do Sporting, por exemplo, talvez tenha sido ontem a mais maltratada, devido a uma serie de trinta e um furos. Talvez veja afugentada a má sorte, quando actuar em boa estrada. De qualquer modo, a equipa do Sporting é sempre das mais aplaudidas, o que prova a extraordinária popularidade do clube *leonino*.

O *internacional* de futebol José Travaços, acompanhado de sua esposa, apareceu hoje em Castelo Branco, á partida, a fim de cumprimentar os componentes da equipa do seu clube.

De início, como de costume, marcha moderada, que António Maria altera

Geralmente, os começos de etapa são pacatos, pois os corredores só mais tarde costumam desencadear as suas partidas.

Temos de caminhar na estrada com prudência, por causa do nevoeiro intenso, que torna dificil a marcha da caravana.

Todavia, desta vez, logo no seu inicio, a etapa regista animação desusada, pois Antonio Maria, trazendo na sua roda o louletano Inacio Ramos, tenta uma fuga e consegue afastar-se do pelotão suficientemente, pedalando os dois isolados durante algum tempo, distanciados cerca de duzentos metros.

Esta fuga tem, como efeito, a imediata fragmentação do pelotão, que, á passagem de nivel de Ferreirinha, a caminho do Porto do Tejo, numa longa descida, por vezes sinuosa, nos revela os seus cortes.

A perseguição aos fugitivos começou a ser feita com entusiasmo, em ritmo que nem todos no pelotão suportaram, vendo-se no comando, a imprimir o passo, os homens do F. C. Porto Amandio Cardoso e Manuel Joaquim da Silva.

Formou-se, assim, segundo pelotão de oito unidades, que se deixam atrasar apreciavelmente.

Atrás, isolado, marcha Marcelino Guedes e, com pequenas diferenças, surge um grupo de três homens: António Quelhas, Arnaldo Sousa e António Neto, fechando o cortejo Manuel Pereira dos Santos, do Salgueiros.

O nevoeiro desaparece e rompe, radiante, o

(Continuação da página central)

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

As homenagens a prestar

ao dr. António Luís Gomes

Estão a ser construidas as comissões orientadoras da homenagem que, no próximo dia 22 de Setembro, data do seu aniversário, será prestada ao eminente e venerando cidadão que é o doutor António Luis Gomes. A lista de nomes que há dias publicámos é o das entidades a quem foram dirigidos convites para fazer parte da comissão de honra, não podendo, por enquanto, considerar-se definitiva a sua constituição em virtude de, até agora, nem todas as pessoas terem podido responder.

A partir do próximo dia 1 de Setembro, com o regresso de férias de muitas pessoas que têm estado ausentes da sua habitual residência, vão intensificar-se os trabalhos dos promotores da homenagem, devendo constituir-se definitivamente as respectivas comissões.

Tauromaquia

Segarra em Espanha

Na novilhada que se efectuou no dia 25, em Valencia de Alcantara, actuaram os novilheiros Fernando Segarra e Diego Alfonso, que estoquearam novilhos de M. Gonzolez, grandes e quase todos bravos.

Segarra no seu primeiro, que bandarilhou muito bem, teve uma valorosa faina de «muleta», muito ovacionado. Matou bem, teve petição de orelha e deu volta á arena. No seu segundo, brilhou em «quites» variados, esteve valente e toureiro, com a muleta, e perdeu a orelha por ter «pinchado». Muito ovacionado, deu também volta á arena.

Diego Alfonso, com o capote e muleta, esteve valoroso e artista, pelo que igualmente deu volta á arena.

Lazaro na Nazaré

Com grande enchente efectuou-se no passado domingo, na Nazaré, uma corrida que deixou satisfeito todo o publico. Lidaram-se touros do conde de Rio Maior, grandes e que saíram bravos.

Tourearam a cavalo os jovens amadores D. Luis Ataíde e D. José Ataide, e a pé o novilheiro Joaquim Lazaro.

D. Luis Ataide lidou dois touros, cravando excelente ferragem, comprida e curta, tendo nos finais que dar voltas á arena. D. José Ataide, que por motivo da colhida sofrida no dia 17, lidou apenas um touro, teve nele magnificas preparações e bons remates. Muito ovacionado, deu também volta á arena.

O novilheiro Joaquim Lazaro esteve muito bem, bandarilhando os seus touros e nas fainas de «muleta», pelo que deu voltas á arena nos finais das lides.

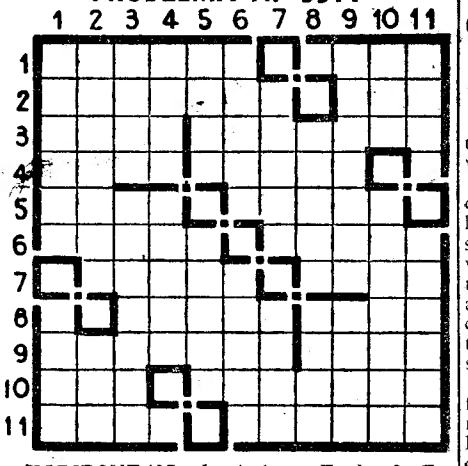
António dos Santos corta orelhas

AVILA, 27 — Na vizinha praça de Piedrahita e com touros de Valverde obteve grande exito o português António dos Santos que no seu 1.º realizou grande faina de «muleta» e matou com uma estocada até ao punho da qual o touro saiu rodando. Ovação, volta á arena e orelhas. Chavez Florez foi aplaudido e Jumillano ovacionado, com corte de orelhas.—(Efe).

Se passar por Samora Correia
visite o Restaurante Nazareno

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 3571



HORIZONTAIS: 1—Amimar. Fardo. 2—Tagarelam. Cabo. 3—Estimar. Estado governado por um emir. 4—Conduza. Oportunidades. 5—Fileiras. Desembaraçada. 6—Clavas. Sacrifica. 7—Tapumes de ramos. Apogeu. 8—Escarnecerás. Escavar. 9—Vai de encontro. Estaque. 10—Planeta que gira em volta da Terra. Que se acrescenta. 11—Catafalco. Fios metálicos.

VERTICAIS: 1—Extinguem. Vigie. 2—Criados. Coragem! 3—Lavrai. Azedas. 4—Malogre. Pássaro dentirrostro do Brasil, de canto muito suave. 5—Acolá. Montanha. 6—Ramificação. Mulher da Sardenha. 7—Encarei. Vir a publico. 8—Vinte mãos de papel. Prefere. 9—Separou. Filho de Adão e Eva. 10—Cavaleiro castelhano que conquistou Valência. Provincia de Portugal. 11—Afeição. Distraidos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 3570

HORIZONTAIS: 1—Lobito. Sigo. 2—Enano. Timor. 3—Meti. Remida. 4—Brechas. Tom. 5—Ré. Setas. 6—Vás. Sir. 7—Laias. Ar. 8—Mar. Georama. 9—Operam. Edis. 10—Nudez. Onega. 11—Azos. Abonas.

VERTICAIS: 1—Lembre. Mona. 2—Onere. Lapuz. 3—Bate. Varedo. 4—Iniciai. Rés. 5—Tó. Sagaz. 6—Rás. Sem. 7—Teses. Ob. 8—Sim. Tirreno. 9—Imitar. Aden. 10—Godos. Amiga. 11—Oram. Brasas.

DESPORTOS

OQUEI EM PATINS

O Futebol Benfica impôs ao Sintra a primeira derrota

O Futebol Benfica conseguiu derrotar o Sintra, que era, até ontem, a unica equipa só com vitórias.

Depois do jogo da passada sexta-feira, em que os benfiquistas dificilmente levaram a melhor sobre o Oeiras, admitimos que os sintrenses, incontestávelmente em boa forma, saissem vencedores do encontro. A falta de Paulo Ferreira, obrigando a recuar Carlos Alberto para a defesa, fazia ainda com que o Futebol Benfica ficasse sem sexto jogador á altura dos restantes, e tirava ao conjunto a necessária coesão.

O Sintra, até aqui, disputara três encontros fora de casa: em Campo de Ourique, no Barreiro e em Oeiras—e as três vitórias obtidas falam eloquentemente duma superioridade que cota a equipa como favorita ao titulo deste ano.

Com tais antecedentes, era de esperar dos visitantes novo triunfo, embora, as dificuldades não devessem ignorar-se.

Sucedeu, afinal, que nem os sintrenses fizeram uma exibição á altura das anteriores, nem o Futebol Benfica foi o mesmo de sexta-feira. O «cinco» mais ligado, mais certo nas suas combinações e que mais tempo deteve o comando da partida, impondo o seu jogo, foi, exactamente, o Futebol Benfica e, por isso, a vitória lhe coube com toda a justiça.

O Sintra, além de ter sofrido as consequências do fraco rendimento de duas das suas melhores unidades—Velez e Edgar—foi um «conjunto» com muito pouco conjunto. Tornou-se evidente, em vários lances, que o «team» actuava partido. Dois defesas lado a lado e dois avançados sem apoio, que não conseguiam, por si só, grande vantagem sobre a defensiva contrária. Houve ainda, no meio disto tudo, muita afluência do resultado no animo dos jogadores. E' normal que um clube, estando a perder, não actue com a mesma calma e certeza que permitem os resultados tranquilizadores. Ora, o Sintra ficou em desvantagem logo nos primeiros minutos e, a meio da primeira parte, perdia já por 2-0. A espaços, a equipa reagiu. Edgar apareceu a meio rinque, comandando o jogo, ganhando terreno, obrigando o ataque a criar perigo, durante pouco tempo, no entanto, ao passo que o Futebol Benfica beneficiava, por seu lado, da circunstancia tranquilizadora de estar a ganhar. Houve duas ou três ocasiões perdidas, apesar de tudo, que podiam ter modificado o desfecho da partida; mas Velez falhou sempre o remate e a trave substituiu o guarda-redes Ferreira noutra altura.

Um «penalty», que Edgar converteu, foi anulado por falta do marcador. Mas, logo a seguir, José Dias desperdiçou idêntica oportunidade.

Com o aparecimento do empate, porém, o Sintra colocou-se em excelente posição para ganhar. E, após o intervalo, enquanto o Futebol Benfica fazia um jogo cauteloso, de retenções de bola e passes para trás, os sintrenses tentaram a sua sorte. Muita coisa mal feita, no entanto, prejudicou a engrenagem da equipa, decididamente em noite de fraca inspiração, pelo que a defesa dos benfiquistas, com José Ferreira em grande evidência, se livrou dos apuros sem novidade.

Entretanto, José Dias, que acorria a todos os lados, num alarde de boa forma física e técnica, tão depressa criava situações de perigo para os sintrenses como ajudava os seus próprios defesas a livrarem-se delas. E, a 6 minutos do fim do encontro, quando ainda haveria possibilidades de rectificar o resultado, obteve, de «penalty», o ponto da vitória da sua equipa.

Os esforços do Sintra tornaram-se evidentes, mas a má carburação do «team» foi igualmente notória.

O final da partida chegou, assim, com o triunfo justo do Futebol Benfica por 3-2.

A arbitragem de Artur Dyson foi correcta e imparcial.

Em reservas ganhou o Sintra por 7-2 e em segundas voltou a triunfar o F. Benfica por 5-3.—J. S.

FUTEBOL

No Sporting Clube de Portugal

Na Secção de Informações da sede do Sporting Clube de Porugal encontra-se aberta a inscrião para sócios e simpatizantes de 17 a 18 anos, que queiram representar o clube em futebol, na categoria de juniores, na época de 1952/53.

NATAÇÃO

O P. U. C. em Lisboa

Causou o mais justificado interesse a noticia da próxima visita da Equipa de Paris Université Club, prevista para 11 e 12 de Setembro, a convite do «Algés e Dáfundo».

Se a lista dos nadadores que nos visitaram o ano passado era famosa, a dêste ano, é, de facto, de molde a causar sensação.

Com a equipa vêm campeões de natação, alguns olímpicos, gentis nadadoras, saltadoras, internacionais da Grã-Bretanha e o já aplaudido conjunto de «Ballet» Aquático do P. U. C., composto por 8 nadadoras.

Quando revelarmos alguns dos nomes e as suas proezas, ver-se-á quanto interesse apresentarão as memoráveis Jornadas que o «Algés e Dáfundo» vai proporcionar.

A travessia da Póvoa a nado

Com o fim de angariar fundos destinados á construção da piscina deste Clube, vai disputar-se a já tradicional prova de natação «XII Travessia da Póvoa a Nado», no percurso de 1.500 metros aproximadamente.

Esta prova de mar, já devidamente autorizada e incluida no calendário anual da Associação de Natação de Lisboa, realiza-se no domingo—dia 21 de Setembro próximo, pelas 16 horas—e, nela foram convidados a tomar parte, além duma equipa do clube organizador, o Algés, Alhandra, Estoril, Pedrouços, Nacional, Belenenses, Adicense, C. N. de Sesimbra, etc.

Como de costume, serão disputadas várias taças e atribuidas medalhas aos vencedores individuais de cada categoria.

Além da «XII Travessia da Póvoa a Nado», disputar-se-ão outras provas de natação, vela e remo.

TÉNIS

Campeonato da Costa da Caparica

De 28 a 1 do corrente, disputam-se os Campeonatos Oficiais de Ténis da Costa da Caparica, em singulares e pares-homens, abertos a jogadores de 2.ª e 3.ª categorias.

A inscrição pode ser feita na Casa C. Santos, Avenida da Liberdade, ou na sede da Liga dos Amigos da Costa da Caparica, na Praia do Sol.

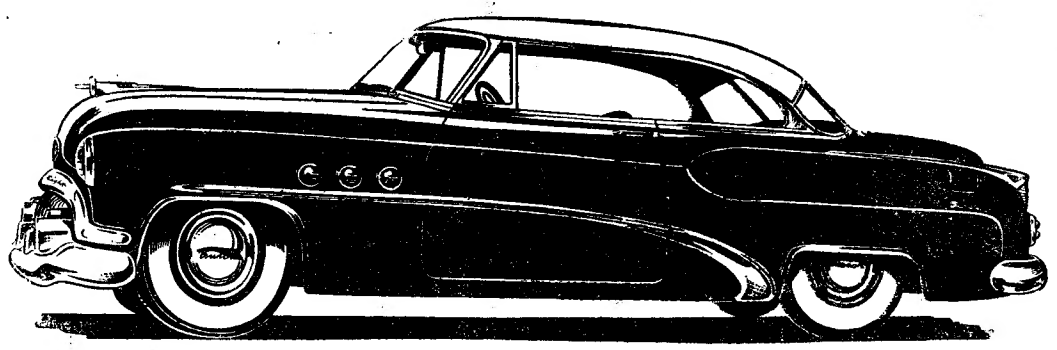
Campeonato de Canasta

Por iniciativa da Sociedade Propaganda da Costa do Sol, realiza-se de 2 a 5 de Setembro próximo, no Casino Estoril, o II Campeonato Nacional de Canasta, que, á semelhança do ano passado, deve despertar grande entusiasmo. A inscrição está aberta na secretaria do Casino a partir de quinta-feira próxima, fazendo-se também entrega do regulamento. A inscrição faz-se por pares.

UM NOVO MODELO DO NOVO "BUICK"!

Depois das remessas recebidas do SUPER RIVIERA SEDAN DELUXE, de 4 portas, 5/6 lugares, que tanto êxito alcançou, chegou-nos agora um novo modelo que desde a guerra não era importado e que vai despertar a maior sensação:

RIVIERA SUPER, 56-R, de 5/6 lugares



Possue o aspecto de um elegantíssimo «Descapotável», com o tejadilho rígido de aço, e a grande comodidade de um Sedan. E' exuberante de beleza e de um inexcedível conforto. Todos os vidros, os das portas e os laterais, baixam-se fácilmente, por meio de manivela acessível, ficando ocultos e proporcionando aos ocupantes tanta visibilidade como a de um «Descapotável». E' equipado, também, com a famosa transmissão «DYNAFLOW».

O «BUICK» de 1952 — o melhor e o mais belo modelo da sua série até hoje construido — é um grande

PRODUTO DA GENERAL MOTORS

CONCESSIONARIOS DA GENERAL MOTORES:
DINIZ M. D'ALMEIDA LDA.
AVENIDA DA LIBERDADE, 216 — STAND BUICK — LISBOA

Economise tempo e dinheiro comprando na **Sociedade de Tapeçarias, Lda.**—Rua Augusta, n.º 126-130
ESTOFADORES E DECORADORES
Telefone 26669

FESTEJOS REGIONAIS

Festas da Senhora do Castelo em Mangualde

MANGUALDE, 25—Estão a ser organizadas as tradicionais Festas de Nossa Senhora do Castelo, em seu magestoso santuário, implantado no cume da serra (600 metros de altitude), onde outrora se erguera o «Castelo de Azurara»—sentinela da Beira Alta—um dos mais belos miradoiros da Beira. A festa chama todos os anos muita gente não só desta região como de todo o País, sendo pena que tivesse caído em desuso a vinda do Senado da Camara de Viseu com estandarte, clérigos e muito povo, em romaria, cantando, desde a igreja Matriz, até ao monte da Senhora do Castelo, o «Te-Deum Laudamos». Contudo, o povo beirão continua a acorrer ali em grande quantidade, apesar de se não exercer culto religioso, o que, aliás, é hábitual neste concelho de há uns tempos a esta parte. Os festejos decorrerão nos dias 6, 7 e 8 de Setembro, com dois arraiais, duas bandas de musica, dois grupos de «jazz» e vistoso fogo de artifício.

Congresso Internacional da Juventude Universitária

Com a participação de todos os países da Europa Ocidental iniciou-se em San Sebastian o Congresso Internacional da Juventude Universitária, cujos trabalhos decorrem até 31 do corrente.

Portugal foi também convidado, encontrando-se já ali a delegação portuguesa, composta pelos srs. dr. Henrique Barrilaro Ruas, eng.º Augusto Lousa Viana e dr. Carlos Soveral.

BANHISTAS EM PERIGO

ROSSIO AO SUL DO TEJO, 25—No lugar do Lôpo, no Rio Tejo, tomavam banho os irmãos, Rafael Rosa, de 20 anos, e Martinho Rosa, de 17, e quatro seus amigos, residentes em Barreiras do Tejo. Por não saberem convenientemente nadar e terem saído fóra de pé, os irmãos Rosas, teriam morrido afogados, se por feliz acaso, não passassem no local, em passeio, de bote, os srs. José Jorge, ferroviário e nosso correspondente nesta localidade, Eduardo Amoras, operário metalurgico, e Moisés de Almeida, motorista, os quais prontamente se dirigiram para o local, onde os sinistrados se debatiam aflitivamente. Se não fôsse a rápida intervenção do nosso correspondente, assim como de seus amigos, ter-se-ia registado grave desastre, pois decerto haveria algumas vitimas a lamentar.

SUODERMINA
Combate o suor e seus efeitos.
Farmácia Macedo — Rua do Loreto, 71.

PÉS DE BARRO

(Continuação da 1.ª página)

este dominou os bárbaros das margens do Danubio, conquistou a Asia Menor, Egipto, Síria e Fenicia, tomou posse da Babilónia, etc., submeteu toda a região até ao Oxo e atravessou o Indo, onde só parou por imposição do exército, apesar do poderio esmagador e da assimilação dos costumes locais (chegando a celebrar casamento primeiro com a filha dum chefe guerreiro e depois com a filha do rei vencido), desapareceu num momento. Como mais tarde o Império de Carlos Magno, em que ele, tendo batido os Eslavos, Ávaros, Bávaros, Dinamarqueses, Lombardos, Gregos, Sarracenos da Itália, Bretões, Aquitanos, etc. e, ao fim de grande luta, os Saxões — deixando um vasto território, desde as bocas do Elba ás costas da Espanha— e tendo sido aclamado rei dos francos, rei dos lombardos e imperador, pronto se esboroou com amorte do que o fundara.

Não foram muito diferentes os conceitos da colonização, em que as colónias foram primeiro meros depósitos de degradados e depois meras quintas de exploração. Por isso, alguns, como o florescente Brasil, só foram grandes depois de emancipados, constituindo até para nós, durante muito tempo—singular contraste—, depois que deixou de ser nossa colónia, a nossa melhor colónia, como se exprimiu Oliveira Martins.

E' que há uma lei fatal no pendor da evolução a que tudo obedece: caminha-se da massa amorfa e incoerente para a diferenciação nitida e responsável, da generalização para a particularridade ou, enfim, da homogeneidade para a heterogeneidade, como entrevia Spencer, um dos mais clarividentes filósofos de todos os tempos.

O futuro, embora talvez ainda distanciado, talvez moroso, é a construção de Estados sobre fortes nucleos regionais—na base municipal ou numa área mais extensa, condicionada por valores económicos, mentais e morais—, formando no seu conjunto a grande Federação Universal, Sociedade das Nações ou de denominação equivalente.

Acabarão então as discórdias, as ambições insaciáveis, os alaridos de açambarcamento ou os anseios do espaço vital. Deixará de se ouvir uma pesada bota a calcar ruidosamente o sobrado. As questões resolver-se-ão num acordo geral ou sob uma inspecção comum.

Haverá linhas uniformes de conduta e soluções porventura uniformes, ficando a uns a cachola para esfolar, a outros as orelhas e a alguns calhando o rabo.

Que os problemas do Egipto, por exemplo, são os mesmos em toda a parte: dum lado, uma desoladora falta de pão e do outro uma desenfreada corrupção. E os remédios sempre os mesmos: competência e pulso.

...Nabucodonosor, estava no declínio. Espapaçado num recanto das muralhas, a vista cambaleante, o ventre pançudo, as pernas cambadas e subindo por ele acima uns calores que o sufocavam a espaços. Tremia pela noite que vinha descendo. E' que, ultimamente, tinha sonhos pavorosos que o atormentavam e intrigavam. No alto, uns passarões de longo bico que enchia todo o gargalo das botijas e, em baixo, umas avezitas depenadas que sofregamente disputavam os pingos que escorregavam; ou uns escribas (funcionários ao tempo) que vergavam ao peso do estilete, enquanto outros, pantafaçudos e bem entrajados, traçavam largos rabiscos com que autenticavam os papiros. Mas o pior fora o sonho angustioso em que a sua estátua, lavrada a ouro, oscilava a cada rabanada de vento. Daniel o profeta, já lhe explicara que a sua fragilidade vinha de ter os pés feitos de barro, o que denunciava a proxima ruína do Império, corpo grande de mais para uma só cabeça. Ao que ele, melancólico, suspirava: «Se, ao menos, pudesse levar tudo comigo!»—D. F.

VIDA MUNDANA

DIPLOMATAS

Regressou a Londres, acompanhado de sua esposa, o comandante Jacinto Neto Milheiriço, adido naval á embaixada de Portugal na capital inglesa.

EM VIAGEM

Em missão especial do Ministério da Marinha, seguiram hoje para Londres no avião dos T. A. P. os srs. 1.º tenente António Caires Braga e 2.º tenente Joaquim Neves Tavares.

—No mesmo avião seguiu o jovem pianista Sequeira Costa, que vai dar alguns concertos em Londres.

AIDA MIRANDA

Partiu hoje para o estrangeiro, no avião da K. L. M. em viagem de turismo, visitando as principais cidades da Itália, Suíça, França, Bélgica e Espanha.

VIDA MUSICAL

O concerto de hoje

A Orquestra Sinfónica Nacional, sob a direcção do maestro Pedro de Freitas Branco, dará esta noite mais um concerto na Estufa Fria, com o seguinte programa:

«Serenata n.º 6, em ré maior (Serenata Nocturna), de Mozart; I—Marcha; II—Minuete; III—Rondó (Allegretta—Adagio — Allegro). 2 Sinfonia n.º 8 em si menor («Incompleta»), de Schubert; «Convite á Valsa», de Weber; «Danças fantásticas», de Turina; 4 «A Valsa», de Ravel.

Os bilhetes estão á venda na tesouraria da Camara Municipal, casas Sassetti, Valentim de Carvalho e na Estufa Fria, ao preço de 15$00.

Num instante SNO-MIST evita e acaba com o mau cheiro da transpiração!

SNO-MIST é um pó delicadamente perfumado que desodorisa e evita a transpiração. Para aplicar o SNO-MIST basta comprimir a parte superior da embalagem e ele sairá pulverizado. A sua acção é prolongada e não ataca os mais delicados tecidos.

Principie hoje mesmo a usar SNO-MIST e... encare confiada o calor!

À venda em todas as farmácias e perfumarias

Sno-Mist
O DESODORANTE PREFERIDO PELAS MULHERES CHICS

USANDO
Litinados
Obtem boa água tipo Minerc-Medicinal-Gasosa

Alvaro Dias Ferreira
SOLICITADO NCARTADO
Participa que mudou o seu escritório para
R. ENG. SÁ MELO, LOTE 20, 2.º andar
(Em frente do Palácio da Justiça)
ALMADA

Farmácia Portátil Sara
Contém o indispensável para tratamento de emergência, procure na sua farmácia ou na Rua do Loreto, 71.

Ela tem uma linda pele!
Ela usa os 2 Cremes Pond's

É desta maneira que as Damas da Alta Sociedade conservam a sua beleza:

Todas as noites, ao deitar, espalham sobre o rosto e o colo POND'S COLD CREAM (Creme 'C') que remove todas as impurezas e sujidade acumuladas durante o dia. Depois da primeira aplicação, convém espalhar mais um pouco de COLD CREAM, para assegurar uma melhor limpeza e amaciar a cutis.

Pela manhã fazem uma aplicação de POND'S VANISHING CREAM (Creme 'V') que protege a cutis contra o sol, o pó e o vento, ao mesmo tempo que constitui a base ideal para o pó de arroz, conservando este durante muitas horas.

ESTES DOIS CREMES SÃO A SALVAGUARDA DA SUA BELEZA DURANTE O VERÃO

Boião 20$00
Bisnaga 15$00

CREMES POND'S

P. 394

TERMAS DE MONFORTINHO
Abertura em 1 de Setembro
Águas de grande poder terapêutico, nomeadamente em doenças de pele, mucosas (aplicações tópicas, especialmente em ginecologia), doenças hepato-biliares e disquinesias
HOTEL DA FONTE SANTA (Propriedade da Empresa)
Telefone 4
Sede: R. Fernandes Tomás, 706-1.º-E-PORTO
Telefone 25412

SAIS DE FRUTOS
ENO'S
... Irradia saúde e boa disposição

Amanhã é posto à venda o
ALMANAQUE BERTRAND
PARA 1953 — Cartonado 25$00

A sr.ª Eden trabalhou no Foreign Office durante os anos da guerra

mas nessa altura não conheceu o ministro com quem agora veio a casar

(Continuação da 1.ª página)

grisalhar de um tom aproximado do «poil de carote», mais acentuado nas guias do bigode fino e nas sobrancelhas de traço carregado, Eden deixou prolongar, durante mais meia hora, aquele breve encontro com os jornalistas, passando de grupo em grupo, dando uma palavra a um, deixando a outro no ar a resposta de sorridente circunlóquio a alguma coisa que não fosse tão incondicionalmente singela como o agradável fim de tarde que nos tinha proporcionado...

Uma troca de impressões com mrs. Eden

Há quinze anos, era embaixador de Londres em Lisboa sir Claud Russell, passou pelo claro Tejo uma menina de ricos cabelos loiros e cujo desabrochar para a vida era uma linda promessa de mulher. Chamava-se Clarissa, viajava com os seus familiares e tinha o apelido sonoro de Churchill. Era efectivamente sobrinha do famoso politico inglês esta menina de dezasseis ou dezassete anos, que, nos seus olhos claros e sonhadores, guardou para sempre a imagem dos romanticos jardins da embaixada inglesa em Lisboa. Hoje, essa menina é uma senhora de bela tez clara como o seu nome, de queixo voluntarioso como os Churchill e, como eles, de ar ligeiramente carregado quando se entrega a si própria e aos seus pensamentos, para tomar encantadora animação quando intervém num diálogo. E', enfim, uma formosa mulher, distante, naturalmente, do tipo das formosuras latinas, essa menina de há quinze anos que hoje soma ao seu apelido o de seu ilustre esposo, sr. Eden.

No quadro sereno do velho jardim da embaixada, talhado ao gosto antigo dos Portugueses, enquanto o sr. Eden, singelamente mas muito bem humorado, expunha pormenores das impressões colhidas nas visitas a alguns dos mais belos motivos portugueses, sua esposa colocara no chão o copo de «wisky» e fumava compenetradamente o seu cigarro. (Desistira de beber o «wisky» para lhe beber as palavras...» Sem joias, usando nas orelhas umas argolinhas de pedras de fantasia, o seu vestido de ramagens largas, de um verde desmaiado, parecia um reflexo das longas folhas pendentes do arvoredo, já a esmaecer languidamente neste fim de Verão. O seu tom de voz é tão calmo como a sua propria voz. Fala magnificamente francês. E' uma artista—uma simples amadora, costuma dizer...—que pinta e escreve e que, naquele fazer e desfazer de grupos, mal tem oportunidade de ouvir, ser interrogada e responder:

—Por muito estranho que pareça, conheci meu marido há apenas cinco ou seis anos, durante um jantar entre amigos comuns. Apesar de eu ser sobrinha de Winston Churchill e de ser o sr. Eden o seu mais próximo co aborador, nunca nos haviamos encontrado antes disso. E, se quiser ainda saber, dir-lhe-ei que fui, durante a guerra, mobilizada como todas as mulheres inglesas, prestando serviço no Foreign Office. Trabalhava numa secção de cifra, mas nunca tive ensejo de falar com o ministro, o que, por certo, há-de parecer bastante natural...

A sr.ª Clarissa Churchill Eden diz-nos ainda que durante a guerra, trabalhou também como operária numa fábrica de artigos de radiotelegrafia. E que, assim fazendo, cumpriu apenas com o seu dever, como o cumpriram todas as suas compatriotas, mesmo a rainha Isabel e as princesas.

—Da sua passagem por Lisboa, em 1935...

—Recordava-me apenas deste belo jardim e da minha saudosa franja ruiva...

—E do seu primeiro encontro com o sr. Eden?...

—Só sei que foi banal e que nada fazia prever um desfecho tão magnifico...

—Que pensa dos acontecimentos internacionais ligados á Inglaterra?

—Deixo esse trabalho a meu marido. E' a ele que cumpre ocupar-se da politica...

—Portanto, nem sequer é conservadora...

—Ah! isso sou! Toda a familia apoia o partido.

—Há-de ter, portanto, uma ideia muito feita acerca do sr. Churchill...

—Mas não posso revelá-la, sem o perigo de incorrer no ridiculo de estar a elogiar meu tio...

—Que foi que mais a interessou em Portugal?

—Tudo o que me falou da sua arte, da sua escultura. Da sua arquitectura, sobretudo...

—Gostou, portanto, de visitar a nossa terra?...

—Muito. E penso que hei-de voltar!

«E penso que hei-de voltar»... Foi assim, mais ou menos, que o sr. Eden há seis meses se exprimiu, ao despedir-se dos Portugueses, mal terminara a conferência do Pacto do Atlantico. Ontem, porém, no jardim da embaixada, entre duas gotas de «wisky», (proibido pelo médico...) ele pôde dizer, com o seu «charme» invencivel:

—Confesso, entretanto, que, ao despedir-me há seis meses dos Portugueses, estava longe de supor as circunstancias em que voltaria...

E, olhando sua jovem esposa:

—Devo a minha mulher a sugestão desta visita. E dou-me por satisfeito, ao ser pela primeira vez na vida guiado por umas mãos femininas, porque tudo, na verdade, resultou muito bem...

A partida para Londres

O sr. Anthony Eden e sua esposa chegaram ao aeroporto ás 8 e 50, acompanhados pelo embaixador da Grã-Bretanha, que com eles seguiu no mesmo avião para Londres. Foram recebidos á entrada do edificio pelo marquês de Sampaio, do Protocolo do Ministério dos Negócios Estrangeiros; mr. Fry, conselheiro da embaixada britanica; capitão Agostinho Lourenço, director da P. I. D. E.; comandante Carlos Beja; Ruy de Oliveira e Silva, que representava a direcção dos T. A. P.; dr. José de Castro, em nome do S. N. I.; dr. José Violante, pelas Alfandegas, e pessoal da embaixada britanica.

O sr. Anthony Eden agradeceu ao marquês de Sampaio e ao capitão Lourenço as facilidades e amabilidades que lhe foram dispensadas entre nós. No momento do embarque, a assistente dos T. A. P. que acompanha o avião da carreira de Londres entregou a Mrs. Eden um ramo de flores.

Já depois de terem entrado para o avião, os felizes noivos, acedendo a um pedido dos fotografos, voltaram a sair a fim de se deixarem fotografar.

Mrs. Eden durante a recepção de ontem

O regresso a Londres

e as próximas tarefas

LONDRES, 27—O secretário dos Negócios Estrangeiros britanico, Anthony Eden, e sua esposa Clarissa, regressaram hoje de Lisboa, depois de passarem uma curta lua de mel em Portugal.

Eden permanecerá menos de três semanas em Londres, antes de partir para Estrasburgo, onde deve discursar na Assembleia do Conselho da Europa, e de visitar a Jugoslávia e a Austria.

Na Jugoslávia, onde será hóspede do marechal Tito, Eden travará importantes conversações sobre a defesa dos Balcãs. Espera-se, também, que faça um apelo para uma atitude construtiva quanto ao problema de Trieste.

Antes de partir novamente de Londres para esta viagem, o secretário dos Negócios Estrangeiros terá de ocupar-se de dois grandes problemas: 1.º—O litigio do petróleo persa; e 2.º—A resposta das potências ocidentais á proposta soviética para uma conferência das quatro potências sobre a Alemanha, em Outubro.

Na ausência de Eden, Churchill, encarregado temporáriamente do Foreign Office, autorizou, numa reunião de emergência do Gabinete, os termos de nova forma de enfrentar a questão de negociações com a Pérsia, para solucionar a questão do petróleo. Espera-se que seja feita uma diligência nesse sentido em Teherão, antes do fim da semana. Competirá a Eden apreciar a resposta do Governo persa, antes de sair novamente de Londres, em meados de Setembro.

Eden dará, também, atenção especial á proposta soviética sobre a Alemanha, embora as primeiras reacções, em Londres, tenham sido nitidamente desfavoráveis, com o argumento de que a agenda soviética mandou o carro adiante dos bois.—(Reuter).

O «camisola am

a sua posiçã

(Continuação da 1.ª página)

Sol. Um dia admiravel, limpido e fresco, que auxilia e reconforta os ciclistas.

Colorido e emoção

Sempre a descer, atingimos Vila Velha de Rodão, 27,800 quilómetros pelas 7 h. e 54 m.

As incidências da luta tornam-se interessantissimas e a corrida ganha o colorido da emoção dada pelos constantes ataques e perseguições.

O pelotão conseguiu sair vitorioso na perseguição movida a António Maria e seu companheiro.

Logo a seguir, porém, outro homem do Sangalhos, Edmundo Simões Louro, desencadeia também uma fuga séria, sendo acompanhado na tentativa pelo *portista* Manuel Joaquim Silva.

Os dois passam adiantados na ponte sobre o Tejo, em Vila Velha de Rodão, e conquistam quase o avanço de um minuto — já coisa de considerar—sobre o pelotão, que é guiado, em grande velocidade, por Joaquim Carvalho, António Maria e Emidio Trindade Pinto.

Atrasados só seguem dois homens: José Gonçalves e António Rosa Gomes.

Na curta mas pronunciada subida que nos aparece, atrasam-se igualmente Império dos Santos e três representantes do Louletano, Manuel Maximiano Martins, Manuel José Barros e António Simões Neto.

Média sugestiva

A seguir, os corredores atacam a longa descida que os conduz a Nisa, a 45 quilómetros da partida e, neste ponto, há precisamente uma hora de marcha, tendo os ciclistas percorrido quarenta quilómetros, média sugestiva e que afirma eloquentemente a sua boa disposição de hoje.

O pelotão alcança Simões Louro e o outro fugitivo, prosseguindo a corrida em fila indiana, em ritmo rapido.

Os homens do Sangalhos jogaram já duas cartadas.

Que se registará ainda?

A estrada é esplendida e a prova decorre sem acidentes, quanto a furos ou avarias, que sejam de realçar.

Em Nisa os bombeiros fazem o policiamento dentro da terra. E os corredores atravessam aquela vila ás 8 h. e 26 m.

Mais outra tentativa de António Maria

Sucedeu, porém, um pouco antes, o seguinte: abafada a tentativa de Edmundo Simões Louro, resolveu de novo o Sangalhense António Maria fazer estremecer o pelotão, promovendo outra fuga e agora com exito. A pouco e pouco ganhou terreno.

António Maria passa, desta maneira, destacado em Nisa, seguindo-lhe no encalço, a alguns metros de distancia, Amandio Cardoso, do F. C. do Porto.

Estes dois corredores, que á saida de Nisa, a caminho de Alpalhão, onze quilómetros adiante, se juntam, levam o apreciavel de dois minutos sobre o poletão.

A' primeira vista parece que este ataque fora lançado muito cedo, porque havia ainda grande quilometragem a percorrer. Mas o certo é que os corredores não abrandam e, por enquanto, não revelam fadiga.

Entreajudando-se os dois, puxando ora um,

Nascido em 1820 —
sempre
caminhand
vigoroso e
à frente
JOHNNIE
WALKER
o Velho e Excelente
Whisky Escocês
John Walker & Sons Ltd., Scotch W

ESCOLA ACADEMICA
A mais antiga escola particular do País — Fundada em 1847
Condecorada com o grau de comendador da Ordem da Instrução Publica
INTERNATO-EXTERNATO
PALACIO CONDES DE PINHEL — Largo do Conde Barão, 47
CURSOS DIURNOS E NOCTURNOS
LICEAL — COMERCIAL — ADMISSÃO AOS INSTITUTOS — CICLO PREPARATÓRIO PARA O ENSINO TÉCNICO E INSTRUÇÃO PRIMÁRIA
SEXO MASCULINO
ESTÃO ABERTAS AS MATRICULAS

COLÉGIO I
Estrada de Malpique 19 -
Telefones 7 5038 - 7
Superiormente autorizado, começará a funcion
PRÁTICO DE COMERCIO» — NOCTURNO —
Pedir informações á Secretaria, em todos os d
Setembro.

arela» mantém

o quanto aos imediatos

ora outro, os fugitivos atravessam Alpalhão ás 8 h. e 45 m., continuando Amandio Cardoso no comando. A pedalada é forte e vigorosa e os ciclistas desaparecem na estrada.

O pelotão passa em Alpalhão com o atraso de cinco minutos, verificando-se que os fugitivos estão a ganhar tempo e terreno e que o pelotão ainda não se resolveu a empreender a perseguição.

Seguimos para Castelo de Vide, mas não atingimos a vila, que nos fica á esquerda, lá no alto. Percorremos a estrada que circunda a estação, rumo a Portalegre, a quinze quilómetros de distancia.

Os homens da fuga, sempre com Amandio Cardoso a puxar e António Maria na sua cola, passam ás 9 h. e 9 m., completando 65 quilómetros, o que dá a elevada média de 37,500, em duas horas de corrida.

O pelotão continua a deixar-se atrasar, averbando-se já uma diferença de seis minutos, nesta altura, em relação a Amandio Cardoso e António Maria.

Encontramos a passagem de nivel do Ramalde; atravessamos a Fonte das Almas e atingimos afim a cidade de Portalegre, completando 85 quilómetros. Quer dizer: estamos ainda a meio do percurso, visto a tirada de hoje ser de 213,700 quilómetros.

A passagem em Portalegre

A caminho de Portalegre é António Maria quem passa a puxar. E os dois passam na cidade ás 9 h. e 39 m.

Sete minutos e trinta segundos depois surge o pelotão formado pelos outros ciclistas, vendo-se o veterano João Rebelo no comando.

Acentuava-se, pois, o avanço dos fugitivos e o atraso do pelotão.

Nas ruas de Portalegre a assistência observa com interesse os movimentos dos corredores.

Sempre por boa estrada, ou de asfalto, ou de paralelipipedos, continua a registar-se boa velocidade.

Os fugitivos empenham-se no revezamento do comando, parecendo que a sua intenção é de luta, que não estão dispostos a ceder ou a deixarem-se apanhar sem despique.

Deixamos para trás a estação de Portalegre, que fica a 9 quilóemtros da cidade, e mais adiante, durante uma légua, no quilómetro 201 a 206, procede-se ao abastecimento dos corredores em andamento.

O Sol brilha, mas o Alentejo oferece-nos um dia extremamente agradável.

Bom andamento

Quando se registavam três horas de corrida, haviam-se devorado 109 quilómetros, o que dá uma média muito alta, ultrapasando os 36 quilómetros horários.

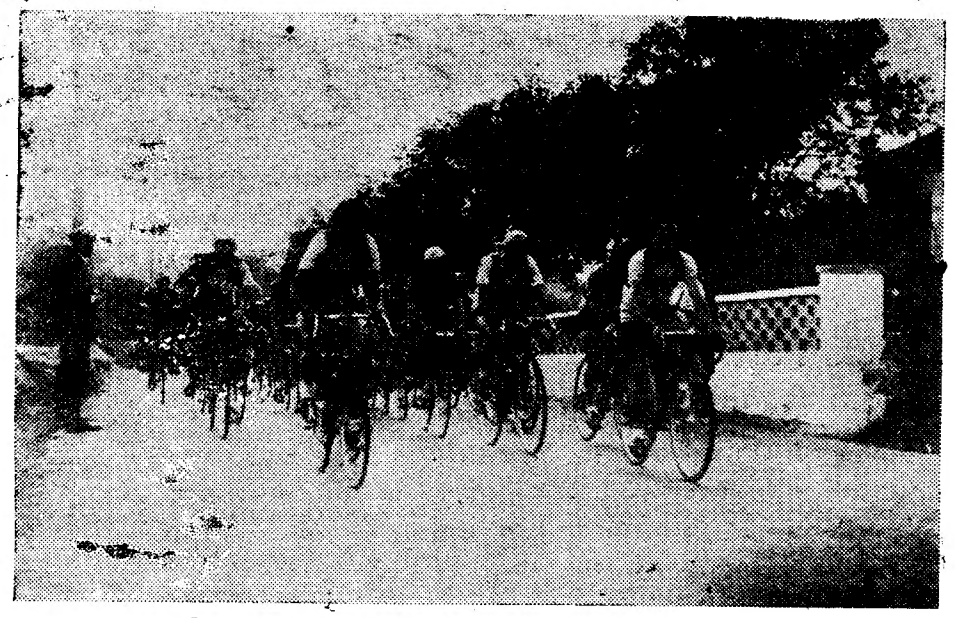
Em Monforte os corredores são aplaudidos com entusiasmo. Ali, os fugitivos surgem ás 10 h. e 30 m., com Amandio Cardoso á frente.

O pelotão aparece ás 10 h. e 36 m., tendo diminuido um pouco o seu atraso. Há, porém, a impressão de que tal se verificou devido ao abrandamento dos autores da escapada, e não á perseguição realizada pelos adversários.

Atravessamos depois Veiros e, 15 quilómetros percorridos, ficamos com Estremoz á vista.

Na vetusta e pitoresca cidade há grande multidão, que aguarda com transbordante entusiasmo os ciclistas.

Os ciclistas dão uma volta ao largo da cidade, onde se aglomeram milhares de pessoas, ás



Os ciclistas atravessando um bom troço de estrada

11 h. e 26 m. No comando aparece Amandio Cardoso, levando na roda António Maria. O pelotão ainda vem longe.

Na povoação de Veiros o corredor do Sporting, Mário Fázio, desprendeu-se do pelotão e marchou isolado durante muito tempo, adiantando-se de tal forma que surgiu, ás 11 h. e 28 m. em Estremoz, portanto, apenas com um minuto de atraso relativamente aos dois fugitivos.

Passaram, ás 11 h. e 39 m., isto é: com 11 minutos de atraso, um pelotão compacto, guiado por Luciano Moreira de Sá, Onofre Tavares e Joaquim de Sousa Santos.

O referido pelotão era constituido por trinta e duas unidades. Na cauda, João Rebelo marchava isolado.

Em Monforte, Artur Lopes levava grande atraso, mas conseguiu, á custa de laboriosos esforços, juntar-se a um grupo de que faziam parte Maximiano Rola, José Gonçalves, Adão Alves Sousa e Manuel Pereira dos Santos.

Este grupo atravessa Estremoz ás 11 h. e 45 minutos.

A chegada a Evora

Após uma etapa emocionante, António Maria cortou a meta em 1.º lugar seguido de Mário Fazio e Amandio Cardoso. Os três chegaram com o mesmo tempo. Quer dizer a classificação da tirada decidiu-se ao «sprint», podendo desde já registar-se que Fernando de Sá conserva a camisola amarela, e mantém a sua posição em relação aos seus mais próximos perseguidores.

Classificação da etapa de hoje

1.º—António Maria (Sang.)	6 33 3
2.º—Mário Fázio (Sport.)	m. t.
3.º—Amandio Cardoso (Porto)... ...	m. t.
4.º—Américo Raposo (Sport.)	6 41 40
5.º—João Marcelino (Arroios)	m. t.
6.º—Manuel Palmeira (Mabor)	m. t.
7.º—Bernardino Amaro (Loul.)	m. t.
8.º—Luciano M. de Sá (Porto)... ...	m. t.
9.º—Jerónimo Souto (Mabor)	m. t.
10.º—Carmindo Oliveira (Acad.)	m. t.
11.º—Inácio Ramos (Loul.)	m. t.
12.º—Firmino Claudino (Acad.)	m. t.
13.º—Joaquim de Sá (Mabor)	m. t.
14.º—António Martins (Salg.)..	m. t.
15.º—Emilio Rodriguez (Sang.)	m. t.
16.º—Fernando M. de Sá (Porto) ...	m. t.
17.º—João Rebelo (ind.)...	m. t.
18.º—Império dos Santos (Salg.)... ...	m. t.
19.º—Manuel Polido (Sport.)...	m. t.
20.º—Luís Gonzaga Sousa (Salg.) ...	m. t.
21.º—Julio Mourão (Sport.)	m. t.
22.º—Fernando Moreira (Mabor) ...	m. t.
23.º—Joaquim de Carvalho (Acad.)...	m. t.
24.º—Edmundo Louro (Sang.)	m. t.
25.º—Manolo Rodriguez (Sang.)... ...	m. t.
26.º— Joaquim Carrete (Sang.)	m. t.
27.º—Onofre Tavares (Porto)	6 42 17
28.º—Martins Moreira (Mabor)... ...	m. t.
29.º—Manuel J. da Silva (Porto) ...	6 43 2
30.º—António Quelhas (Acad.)	6 43 42
31.º—Arnaldo F. de Sousa (Acad.)...	6 44 18
32.º—Alberto F. Moreira (Porto) ...	6 44 47
33.º—José da Fonseca (Sang.)... ...	6 45 39
34.º—António Leal Pinto (Mabor)...	6 49 17
35.º—Marcelino Guedes (Mabor) ...	m. t.
36.º—Diamantino Moreira (Salg.) ...	m. t.
37.º—Emidio Pinto (Porto)...	6 50 37
38.º—Maximiano Rola (Mabor)... ...	6 59 55
39.º—Adão Alves de Sousa (Sang.)...	m. t.
40.º—Artur Lopes (Sport.)	m. t.
41.º—Joaquim S. Santos (Porto) ...	m. t.
42.º—Manuel P. dos Santos (Salg.) ...	m. t.

* * *

Na etapa de hoje verificou-se a desistência de Manuel Barros, do Louletano e António Rosa Gomes, do Arroios.

Estão, portanto, neste momento, a disputar esta emocionante prova ciclista, 46 corredores.

Évora-Loulé—a etapa de amanhã

Amanhã disputa-se a tirada Evora-Loulé (240 kms.) com passagem por S. Marcos, Monte do Trigo, Portel, Vidigueira, S. Matias, Beja, Ervidel, Aljustrel, Castro Verde, Rosário, Almodovar, Dogueno, Ponte do Vascão, Ameixial, Barranco Velho, S. Brás de Alportel e Loulé.

A partida dos corredores está marcada para as 6 h. e 15 m. e a chegada a Loulé prevista para as 13 h. e 58 m.

Na serra do Caldeirão (575 m. de altitude) será feita nova contagem para o Prémio da Montanha, considerada de 2.ª categoria.

As sete etapas percorridas

	Kms.
1.ª—Estádio do Lima...	9
2.ª—Porto-Vila Real...	118
3.ª—Vila Real-Guarda	227
4.ª—Guarda-Sangalhos	195
5.ª—Sangalhos-Coimbra	60
6.ª—Coimbra-Castelo Branco	167
7.ª—Castelo Branco-Evora	214
	990

Falta percorrer dez etapas

	Kms.
8.ª—Evora-Loulé	240
9.ª—Loulé-Setubal	293
10.ª—Setubal-Lisboa	157
11.ª—Lisboa-Figueira da Foz	210
12.ª—Figueira da Foz-Aveiro	62
13.ª—Aveiro-Viseu	113
14.ª—Viseu-Braga	225
15.ª—Braga-Vila do Conde	48
16.ª—Circuito de Vila do Conde... ...	69
17.ª—Vila do Conde-Porto.....	240
	1.657

Laminas **MERKUR**

Na Joalharia Mergulhão

pode V. Ex.ª apreciar peças de prata antiga e cópias, que honram a prataria portuguesa.

Rua de S. Paulo, 162—Tel. 30013.

NOTA OFICIOSA

Os resultados

apurados este ano

nos exames dos liceus

O Ministério da Educação Nacional comunicou á Imprensa uma nota na qual, evocando as queixas que mais uma vez este ano vieram a publico em relação aos exames liceais, se acentua que, «todavia, terminadas as provas e conhecidas as percentagens exactas de aprovações, fica-se com a certeza de que seria muito dificil conseguir alguma coisa de melhor, e de que, num justo equilibrio entre provas escritas e orais (contra um e contra o outro sistema se dirigiram criticas) se consolida, de ano para ano, a uniformidade dos resultados». E a nota acrescenta:

«Não se pretende afirmar que tudo tivesse corrido impecávelmente. Não eram perfeitos, na verdade, dois ou três pontos escritos. Mas é de reconhecer que tiveram de se elaborar muitas dezenas deles, e que, num numero elevado de pontos, é dificil evitar um ou outro técnicamente imperfeito, como é práticamente impossivel conseguir, entre centenas de questões postas, que não apareça uma ou outra menos feliz ou formulada com menos clareza.

«O que importa nos exames é obter a apreciação justa dos examinandos, e sempre que se verificaram resultados anormais, foram de novo classificadas as provas por outros professores ou por inspectores do ensino liceal. Infelizmente, nos poucos casos em que isso se verificou, teve de concluir-se que o mal, esse irremediável, provinha do fraco rendimento do ensino de certos professores ou de certos estabelecimentos, que, por motivos compreensiveis, se não têm, até agora, publicamente indicado. Também, em relação a uma prova escrita do exame de admissão foram alteradas as cotações préviamente fixadas».

Depois de um quadro comparativo dos resultados que se verificaram nos ultimos anos lectivos, desde 1947, o comunicado resume que «a percentagem de aprovações atingiu 80,4%. O resultado é perfeitamente normal, mas, mais do que a normalidade do resultado, é de salientar a igualdade verificada nos cinco anos de vigencia do actual regime de estudos, com um máximo de aprovações de 33,9% e um minimo de 77,1%».

E o documento comenta ainda: «Num sistema que conduz a esta uniformidade, para mais estando bastante limitados o arbitrio e o critério pessoal do examinador, *não podem existir vicios substanciais*. Pode dizer-se que há rigor ou que há benevolencia, que os programas são dificeis ou fáceis, extensos ou curtos, mas sempre se terá de reconhecer ter havido objectividade e que um ponto ou outro mais dificil *sempre foi compensado* por outro de mais fácil solução».

Pelo que diz respeito ao segundo ciclo, a percentagem dos examinandos que o concluiram é precisamente igual á do ano anterior—50%—só tendo baixado ligeiramente a percentagem dos que obtiveram aprovação numa unica secção. Além disso, considera-se que não há observações a fazer que não tivessem sido feitas a propósito dos exames do 1.º ciclo. Apenas se anota o facto de em 5 anos ter subido o numero de examinandos aprovados de 2.571 para 4.740. Podem não interessar directamente ao publico as dificuldades com que luta o Governo para assegurar um bom nivel de ensino com tal aumento de população escolar. Mas aponta-se o facto porque é conveniente que dele se tenha conhecimento».

«Os resultados de 1951/52—diz também a nota—são ainda provisórios, visto poderem os alunos a quem falta uma unica disciplina completar o ciclo em Outubro. As percentagens de aprovações serão, portanto, alteradas e certamente melhoradas na próxima época, e só então será possivel um confronto rigoroso entre os resultados deste ano e os dos anos anteriores. Há no entanto, e desde já, um facto a assinalar: a maior harmonia de classificações nas várias disciplinas em relação ás dos anos anteriores. Melhorou-se, portanto, alguma coisa. Aparte a disciplina de Organização Politica e Administrativa da Nação, em que a percentagem dos aprovados atinge 91,3%, e as de Ciencias Fisico-Quimicas e Matemática, com percentagem respectivamente de 33% e 51,5%, em todas as outras se oscila entre 70% e 80%. Isto quer dizer que se caminha para o tipo ideal de ponto escrito e para a igualdade e objectividade do interrogatório oral, sem exigencias demasiadas ou facilidades inconvenientes.

«O desnivel do aproveitamento em Ciencias Fisico-Quimicas e Matemática deve-se quase exclusivamente ao ensino particular, pois que no ensino oficial as percentagens de aprovações foram, respectivamente, de 78,7% e 82,5%. A situação deve melhorar para futuro. Só na montagem de laboratórios gastaram os colégios, nos ultimos anos, e sob a orientação da Inspecção do Ensino Particular, bastantes milhares de contos, num esforço que deve ser assinalado.

E' de esclarecer ainda, em referencia ás criticas que foram feitas ao ponto de Desenho, que dos 1611 alunos que se apresentaram a exame foram dispensados da prova oral 208. Houve uma nota de 20 valores, 13 de 19, 29 de 18, 39 de 17 e 126 de 16 valores. O ponto, era, portanto, e segundo todas as regras, equilibrado».

isky Distillers, Kilmarnock.

MODERNO

- ao Campo Grande.
072—LISBOA

no próximo mês de Outubro um «CURSO m regime de planos e programas proprios, uteis, das 9 ás 18 horas, a partir de 1 de

ARTE e MODA

A sócia gerente deste atelier de alta costura, Aida Miranda, partiu hoje no avião da K. L. M., para o estrangeiro em viagem de recreio, e também para visitar as grandes capitais da moda, onde fará a aquisição dos mais sensacionais modelos para a próxima Estação

VIDA literária

HOMENAGEM A JOÃO DE BARROS

EM Lisboa, os muitos admiradores portugueses e brasileiros de João de Barros resolveram homenageá-lo com uma festa digna do raro homem de bem e admirável homem de letras. Banquete, talvez. Discursos, com certeza. E é possivel que o busto, o bronze inaugurado com banda de musica.

A mim o que parece é que homenagens a figuras como João de Barros, em vez da forma de banquetes grandiosos ou de bustos em jardins publicos, devem assumir expressão mais elevadamente humana, e mais significativamente cultural: a forma de uma cátedra de estudos luso-brasileiros em universidade de Portugal ou do Brasil, por exemplo.

Por que os amigos ricos e pobres de João de Barros não se reunem para este fim: a criação de uma cátedra de estudos luso-brasileiros com o nome do homem de letras que mais nobremente tem trabalhado para a aproximação intelectual entre os dois povos? Talvez o lugar lógico ou natural para sede desta cátedra fosse a Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro. Mas o ideal é que fosse uma cátedra móvel. Que funcionasse um ano no Brasil, outro em Portugal. Que se deslocasse do Rio de Janeiro para Coimbra e de Coimbra para Lisboa, de Lisboa para São Paulo ou para a Baia ou para o Recfie; e dái para Belo Horizonte ou Porto Alegre.

Este talvez foses o melhor destino de uma cátedra permanente de altos estudos luso-brasileiros de literatura, sociologia, história: o de ser uma cátedra móvel. O de ligar universidades umas ás outras, institutos uns aos outros, academias umas ás outras e não apenas o Brasil a Portugal. O se ser ocupada não por um professor só, porém por vários, animados, cada um a seu modo ou dentro da sua especialidade, pelo mesmo sentimento que tem animado a brilhante e incessante acção intelectual de João de Barros: o sentimento de que a fraternidade luso-brasileira, em vez de simples figura de retórica, é alguma coisa de substancial.

Precisa apenas este sentimento, ou esta realidade substancial, de homens de estudo, de homens de letras, de homens de estado, que dela se apercebam melhor e saibam retirar de sua força ainda meio ignorada, valores e simbolos de sugestão mais fortemente unificadora de duas nações num povo só. Ou numa só cultura, esplendidamente rica na sua diversidade.

Esta causa tão importante no seu aspecto intelectual quanto no politico, exige que, quanto antes, se estabeleça nas universidades do Brasil e Portugal e fundada por um grupo de brasileiros e portugueses que se responsabilizem por sua manutenção, uma cátedra permanente e móvel de altos estudos lusos-brasileiros. E para essa cátedra é que lembro daqui, numa homenagem a João de Barros, que se afaste do convencionalismo dos banquetes grandiosos, das supercomendas oficiais e dos bustos ou medalhões em bronze, o nome do ilustre homem de letras português.

GILBERTO FREYRE

Publicado na importante revista brasileira «O Cruzeiro», de 16 de Agosto de 1952.

A' MORTE

Tu, que és tão certa como é certo o Sol,
em que dia, em que forma a mim virás?
Morte, espero-te e sinto ao mesmo tempo
que temo a tua vinda. Entenderei
e poderei sentir tua presença
na hora para mim determinada,
ou terei acalmados os sentidos,
as angustias, as dores e os cansaços?
Eu sei que natureza nos socorre
nessa obscura passagem, como acorre,
ao sairmos do ventre maternal:
Deus fez iguais o nascimento e a morte.
Como será p'ra mim essa passagem,
com que tormento a alma sentirei
separar-se da carne, se tiverem
de si conhecimento a carne e a alma?
Que nome acudirá á minha boca
e que visão diante das pupilas,
que regresso acharei no coração
ao amor pela vida, que é tão breve
para o bem e tão longa é para as dores?
Talvez nada.

A divina piedade
descerá sobre a minha morte. Calmo
será meu passamento: igual a um sono
calmo. E sem o meu corpo acordarei
numa estrada do céu coroada de astros.
Nunca mais sofrerei; e nem lembranças,
nem desejos terei mas paz somente.
Nos caminhos do Mundo, quantas vezes
de tudo andei fugindo sem poder
de mim própria fugir na minha louca
contradição!—debalde implorei paz.
hoje sei que em nenhum coração vivo
ela se acolhe, a doce paz ansiada;
só passa onde tu já passaste, ó morte.

ADA NEGRI

(De «Vespertina»)

Tradução de Arminda Gonçalves

1 2 3 4

«Lições de psicologia, aplicada á educação», assim se intitula um livro de penetrante análise e lucida observação sobre as crianças que estudam, da autoria do sr. António José Escarameia, inspector de ensino primário.

O A. B. C. Ortográfico, do prof. Alfredo Cabral, com as regras da nova ortografia e registo das principais palavras, cuja escrita possa oferecer duvidas.

De José Osório de Oliveira está publicada a segunda edição revista e aumentada de «O Romance de Garrett», em edição da Livraria Bertrand.

Do sr. António Mesquita de Figueiredo «A ponte romana de Alcantaria sobre o Tejo em Espanha, provincia de Caceres», na qual se evoca um glorioso episódio da guerra da Restauração.

Os melhores livros
americanos de 1951

Eis as respostas dalguns grandes escritores americanos sobre os melhores livros publicados em 1951:

LUIS BROMFIELD—«O mar em torno de nós», de Rachel Carson, e «Catcher in the Rye», de J. D. Salinger.

TOMÁS MAN—«Memórias», de Duff Cooper, e «André Gide», de Albert J. Guérin.

JAMES TURBER—«Farmer's Hotel», de John O'Hara e «Biografia de Scott Fitzgerald», de Mizener.

ROBERTO SHERWOOD—«Memórias», d. Churchill, e «O povo americano», de Gerald Johnson.

SCHOLEM ASCH—As ultimas publicações de Faulkner e os «Poemas completos», de Robert Frost.

WILLIAM CARLOS WILLIAMS—«Nones», compilação de poemas de W. A. Anden.

SARTRE, O EXISTENCIALISTA
não pode ser lido na Russia

Na Alemanha Oriental, ocupada, como se sabe, pelos russos, foi proibida a circulação das obras de Kafka Sartre, T. S. Eliot e Graham Greene.

O PRETO NO BRANCO

Filosofias...

O povo da minha aldeia gosta dos sermões e admira os pregadores, uns mais que outros. O padre Silvestre gostam dele, acham-no boa pessoa mas não se pode dizer que o admirem muito. Os seus sermões são muito terra a terra, toda a gente os entende. Falam do tempo, do mildio, do mal branco, da melhor maneira de preparar a calda bordaleza, *misturam a tudo isto ideias salutares sobre o temor de Deus, as obras de misericórdia, os deveres dos pais e dos filhos, são enfim, sermões a que se pode chamar uteis, mas não provocam entusiasmo. Os paroquianos aproveitam as lições do padre Silvestre, estimam-no por que ele é* arranchador *e não se peja de enxugar um* balde de três *na venda do Carapinha e de comer três sopas nos grandes jantares de casamento, mas não têm por ele nenhuma espécie de admiração. Quando Deus quer até são confiados de mais e uma vez por outra tem sucedido padre Silvestre, que tem pulso forte e decisões prontas, ter de chamar alguns á razão e ao respeito. Em compensação já com o padre Narciso das Almoinhas a coisa é outra. Padre Narciso é um homem alto, magro, com um grande nariz uma voz fanhosa, que não dá confiança, come pouco, está sempre muito sério e prega sermões que começam em latim, terminam em latim e são, mal comparados, como o toucinho entremeado, febra, gordura, gordura e febra, português,—latim, latim, português. E' admiradissimo e paga-se melhor nos seus sermões do que qualquer outro. Eu sou amigo de ambos e a ambos aprecio nos seus respectivos méritos—mas confesso a minha especial predilecção pelo reverendo das Almoinhas. Sinto que ele é um poço de ciência e digo como o Parente moleiro, que ele tem uma grande* mimoria. *E tem na verdade. Um homem com uma* mimoria *daquelas é admirável e por isso eu o admiro. Sou feito assim, igual aos meus amigos e co-paroquianos de Casais, minha doce terra, apesar de perdido como ando nesta Babilónia de Lisboa. E ficou-me este jeito. Assim, por exemplo, quem me quer ver entretido é dar-me a ler uma polémica entre dois filósofos, sobre qualquer ponto de metafisica ou de teoria do conhecimento. Acho admirável aquele jogo de palavras e conceitos desde sempre á roda dos mesmos problemas; a matéria e o espirito, as causas e os efeitos, a necessidade e a liberdade. Adoro os lances polémicos em que um filósofo diz a outro:* o sr. não sabe nada disto *ou* o sr. é incapaz de compreender o meu pensamento. *E se o outro lhe torna:* quem não entende nada é o senhor *ou* o sr. mede mais de noventa graus—*o que é uma maneira geométrica de chamar obtuso ao rival—eu só não bato palmas porque as justas filosóficas excluem os aplausos.*

A altura e a severidade da contenda não se ajustam a aplausos próprios das bugiarias literárias de teatro ou dos campos desportivos, onde só se presta homenagem ao musculo. E sobre a obtusidade dum e outro dos contendores, incapaz de julgar por mim mesmo, como sou simpatizante e optimista formo-me a ideia de que nenhum dos contendores é obtuso. São ambos pelo menos, rectos—não indo até ao ponto de os considerar agudos porque não os quero fazer vaidosos. E invejo-os. O saber é muito bonito. E a inteligência fica muito bem a um homem. Eu, na minha mediocridade ignara, e para evitar ataques a que não saberia responder, adoptei uma posição inatacável: sou solipsista *integral. A minha consciência é a unica realidade. O resto do Mundo são coisas que eu invento na vigilia e no sonho. Não me importo que se riam de mim. Nesta altura da vida o que eu quero é sossego e bom trato. Como os almoços e jantares que eu inventei, durma num leito que eu procuro inventar o mais fofo que posso, finjo que acredito firmemente na realidade dos meus fantasmas e tenho um medo deles que me pelo. Nenhum filósofo pode nada com a minha vida. Eu conheço-os, porque eles como tudo, fui eu que os criei na minha consciência. Posso dizer—que me perdoem a expressão popular da minha terra—que os conheço como se os parisse. E pronto! Comigo nenhum deles faz farinha. Não há filósofo que me embrulhe.*

Podem mandar-me estudar isto ou aquilo, porque eles mandam-me, mas eu como seu criador já antes disso os mandei—onde a minha consciência resolveu mandá-los. Desde que sou solipsista *vivo tranquilo—filosóficamente falando.*

O meu velho Malaquias, criação minha como tudo, mergulhei-o num mar de contradições. Fiz dele um «hegeliano», para me divertir. Malaquias possui a chave do Absoluto e explica-mo. Mal sabe ele que é uma «marionette» minha, quando me explica a passagem da quantidade á qualidade, a tese, a antitese e a sintese e começando pela conciliação das contrárias, conclui pela negação da negação.

E vêem os exemplos consagrados: a água em certas condições de pressão e temperatura, muda de qualidade e passa a gelo. Noutras, passa a vapor. Na ordem moral o sumum jus suma injuria; *na ordem juridica o crime de ofensas corporais é barulheira quando cometido por um, quando feito por muitos muda de qualidade e chama-se sedição ou revolta. Há dias disse-me:*

Na paixão, por exemplo, José Maru, na paixão de um homem por uma mulher! A suma paixão dá, muitas vezes, a suma atrapalhação. Os apaixonados como se diz em francês, no fogo da paixão, bredouillent, *entendes? E' a negação, estás a perceber?—a negação do amor-paixão.*

Eu interrompi a minha marionette *Malaquias e perguntei-lhe, com o ar mais filosófico que pude:*

—E nesse caso, como é que tu superas isso, como é que tu resolves essa negação?...

Malaquias, ficou um momento embaraçado e respondeu-me:

—Bem vês que é dificil resolver todos os casos da dialéctica do real. Aqui, nos casos de sentimento, jogam apenas os conceitos, a palavra, a lingua humana, estás a perceber? E'—como dizer?—a negação da negação, não entendes? Porque tudo quanto é racional é real e tudo quanto é real é racional... Estás a entender?

Eu não entendi lá muito bem, mas disse que sim, para fazer jeito. No meu tempo—antes de eu ser solipsista *—essa filosofia não estava na moda. A* ontologia *governava tudo e hoje, nisso como em muitas coisas, está em moda a* dialectica, *o discurso, a lingua, nas coisas do amor.*

O que vale—e para meu sossego é que eu hoje, sou um solipsista convicto, para não ter de enfrentar certos problemas.

RAMADA CURTO

Anne de Tourville
Jabadao
PRÉMIO FEMINA

Thomas Hardy
A Bem-Amada

Pearl Buck
A Serva

Lloyd C. Douglas
Rumo à Vida
Do autor de «A TÚNICA»

À venda nas livrarias
Pedidos à
EDITORIAL MINERVA
LISBOA

Do Diário de José Maria

Na Alemanha Oriental, ocupada, como se sabe, pelos russos, foi proibida a circulação das obras de Kafka Sartre, T. S. Eliot e Graham Greene.

LIVROS e AUTORES

COMENTÁRIOS DE ARTUR PORTELA

POESIA

CENTENÁRIO DO CONDE DE MONSARAZ (1852-1952)

Celebrou-se em Julho o centenário do nascimento do poeta António Monsaraz. Quer-nos parecer, que embora tocante, comovida, interessando os meios literários, ele não atingiu a projecção que seria de esperar. Nunca é demais lembrar, consagrar, exaltar, imortalizar as grandes figuras que opulentaram o património da nossa cultura. E' um dever civico, mais: um culto que se reveste de foros de dignidade nacional. Evidentemente, há que estabelecer distinções hierarquicas de valores, mas não tão subtis, não tão exigentes de valor crítico, que diminuam essas homenagens. Menos ainda, levá-las para um campo politico, porque este escritor foi republicano, ou aquele poeta monárquico e o seu filho persiste fiel a essas convicções. A França dá-nos agora um exemplo admirável com dois casos flagrantes: um é Sacha Guitry, outro Charles Maurras. Comprometidos ou não, no pantano mefitico da politica colaboracionista de Laval, não há revista, nem jornal, que, quando surge uma peça do primeiro, ou um escrito do segundo, não os julguem—objectiva e literáriamente, com todas as honras, sem lhes negar qualquer titulo de talento Da extrema esquerda, á extrema direita observa-se esse facto. Mesmo quando o segundo foi condenado a prisão perpétua, nunca os cotidianos se deixaram de referir ao escritor, com elogio, embora o politico, fosse frechado com violência. Sejamos, pois, francos, leais, tolerantes e conviventes na republica das letras. Não esqueçamos que o século XIX em Portugal foi muito belo nas artes e nas letras. Que os valores mortos não foram substituidos, no nosso tempo, por outros de igual grandeza. E ainda que, de modo algum, se podem definir, criticar, interpretar á luz do nosso tempo, mas sim, dentro das circunstancias da época em que viveram vultos tão gigantescos. Um exemplo, apenas: dentro das revisões históricas em moda, qual a pena que atingiu o poder de expressão, vizualidade, estilo, dissecação de figuras, análise de acontecimentos, de um Oliveira Martins? Quem tem uma cultura não só histórica, mas sociológica, politica, económica, que se lhe iguale, para já não referir outros aspectos do autor da «Hsitória da Republica Romana»?

Tudo isto é para dizer que nos parece merecidissima a homenagem de que foi alvo esse «grand seigneur» da poesia, a um tempo, elegantemente palaciano e, candidamente, ruralista, que foi o Conde de Monsaraz. Os do Alentejo, consideram-no a começar por Mário Beirão, (este, a nova estrela da saudade portuguesa, de tão sentidas carmes)—o pai e o senhor da poesia alentejana. Como que um semeador, de barbas ao vento, que atirasse sobre as leivas o grão de oiro que, afinal, ainda não cessou de germinar, em novas searas de beleza poética e de inspiração nacional. Foi um dos nossos maiores poetas da terra, de um panteismo delicado, de um fino descritivo ,com notas realistas, observadas de perto, e outras de emoção recolhida, sentida, que se desprendem, como lágrimas, das corolas silvestres das suas lindas rimas.

Monsaraz fundiu nele o lavrador e o fidalgo, com romantismo pulcro e loução, que ainda hoje estua, palpita, na sua obra. E lê-lo. Toda a «época regionalista» (1895-1905) a melhor da sua obra, vive de um realismo que não morreu. Os versos das «Mondadeiras», não são, apenas, cantantes bailados de formas, que se requebram, graciosamente; trazem-nos na sua poalha ardente, fulva de sol, o ar do campo, dos trigais a maturar, cores e ritmos de trabalho, bocas frescas como cerejas, e um perfume lavado e sádio de alfazema. Que lindo quadro, animado, movimentado, em tintas quentes, como se o descritivo lirico estivesse sob os nossos olhos, não nas páginas do livro, mas na própria Natureza. Em «As Cegonhas», Alberto Monsaraz dá-nos igualmente um ponto brilhantissimo, que cintila como um diamante, do seu talento de poeta campezino, para quem a planicie, a vida das aves, o correr das levadas, o regresso do cavador, á tarde, a ceia do ganhão; o Inverno, o «monte» com os seus sobreiros; a calma do sol a prumo; e «O Senhor Morgado», cujos versos parecem trotar, como o murselo, em que ele vai «todo empertigado», pela estrada fora. A ideia, o ritmo, e o caracter etnográfico da indumentária; o desenho da figura—tudo isso se funde, musicalmente, no bater das rimas, marcadas, a compasso, pelo andar ligeiro e satisfeito do animal.

Outros aspectos havia ainda a focar neste livro do «Centenário do Conde de Monsaraz», editado pela casa do Alentejo. Sobretudo, destacar outras peças poéticas, para uma antologia de oiro, entre as quais, embora o final seja malicioso, essa «Arqui-Duquesa» «tão branca e tão decotada», cujo peito alvo nos faz estremecer de um discreto sensualismo.

Fecha este «in memoriam», de certo modo podemos considerar assim a obra, um artigo de António Sardinha—claro, luminoso, erudito, e um pouco politico. Que bela pena flexivel, a voar alto, e procurando sempre os signos do

CONDE DE MONSARAZ

pensamento nacionalista! Os mortos, pela sua lição e passado heroico; a terra, pela sua eternidade; o sangue pelo que representa de imortalidade na grey—são os pontos em que Sardinha se apoiou para nos dar um magnifico estudo sobre a obra do conde de Monsaraz.

E' seu filho, o ilustre poeta Alberto Monsaraz, que depois de dois sonetos, um de Mário Beirão, outro de José Sereto, que fecha o livro de consagração. Intitula-se o seu poema «Meu Pai». E' a oração de um filho á memória querida, que perpassa pelos seus e pelos nossos lábios comovidamente Alberto Monsaraz evoca-o num grito de alma, repassado de ternura, que a sua linda poesia eternizou para sempre.

Evocações

COMO E QUANDO COMEÇARAM A SER UTILIZADOS OS SERVIÇOS DOS BOMBEIROS NAS CASAS DE ESPECTÁCULOS DE LISBOA

por A. Vitorino Ribeiro

E' um livro bem curioso não, apenas, para a história dos denodados combatentes do fogo, mas ainda para a crónica dos principais cidades do país. Com prosa atraente que não foge ao pormenor, pelo contrário o foca jornalisticamente, o sr. tenente Armando Vitorino Ribeiro ocupa-se da criação, estrutura e desenvolvimento das corporações de bombeiros relacionando-as com os serviços que têm prestado nas casas de espectáculo da capital. A par disso — e o aspecto mais interessante do livro — o sr. tenente Armando Vitorino Ribeiro evoca, em páginas impressionantes, alguns incêndios célebres, de teatros, tanto no nosso país como no estrangeiro.

«Como e quando começaram a ser utilizados os serviços dos bombeiros nas casas de espectáculos de Lisboa» merece ser lido. Vem preencher uma lacuna nas crónicas citadinas. *(Separata da revista «Policia Portuguesa).*

ESTUDOS

PALESTRAS DA LÍNGUA PORTUGUESA

por Botelho do Amaral

Não há duvida de que V. Botelho do Amaral herdou a férula simbólica de Candido de Figueiredo para castigar os erros, vicios e barbarismos deste lusitano idioma. Já mais de uma vez temos dito que é bom existirem estes professores para elucidação dos cultos ou semicultos do idioma. Em qualquer pano cai a nódoa. Ou melhor, são raros os diamantes de boa prosa, onde não haja uma jaça, embora diminuta a macular-lhes o brilho.

Vem isto a propósito de recensearmos mais um numero (são dois, 53-54) de palestras de «Lingua Portuguesa», que o prof. Vasco Botelho do Amaral deu agora á estampa. Ouvimo-lo, frequentemente, pelo Rádio Clube Português, que emite as prelecções, mas o melhor ainda é o preto no branco das páginas tipográficas. Vasco Botelho do Amaral, sempre inquieto, ou renovador da sua publicação, começou agora (ou talvez venha de trás, sem termos dado por tal, na ausencia dalgumas semanas fora do País), de um grande dicionário de dificuldades e subtilezas do idioma português.

De facto são muitas! Esta Lingua que se escreve com facilidade é dificil escrevê-la com propriedade Coberta de rosas, está cheia de espinhos!

Vamos já, num cacharolete, reproduzir alguns conselhos, indicações e reclamações de Vasco Botelho do Amaral. Insurge-se na União dos Defensores da Lingua contra as marcas de tabaco «High-Life», «Unic», «Tip-Top» e o «Portuguez Suave», que ainda continua com «z». Diz-nos que «Nónio» é a abreviatura da forma latinizada de Nunes (Pedro Nunes)—*Nonius.*

Informa que Aarão (o saudoso Aarão de Lacerda) não se lê com os dois «aa», mas só com um; limpou da poeira do esquecimento uma locução engraçada «a bartisco» que significa sem escolha; protesta contra o «abat-jour», que tem uma equivalência ritmica e elegante no *velador*, além de outras; esclarece que não se deve dizer «á base de», mas «com base no mercurio», por exemplo; opina que «aberturas» em vez de propostas «preliminares», é galicismo; brada que é Angora e não Ancara, a capital da Turquia; e vai por aí fora até explicar o motivo por que se devem escrever «graixa» e «engraixador»—com o «i» que alguns pulidores da Lingua teimam em suprimir nesses vocábulos, naturalmente para lhes dar mais lustro.

RICARDO JORGE, O PORTUENSE

por João de Araujo Correia

João de Araujo Correia, o dos «Contos Durienses», e de «Terra Ingrata», evocou, há tempo, na Assembleia de Campanhã, Ricardo Jorge, não o médico, o cientista, mas o prosador de boa fevera camiliana, que tantas páginas brincadas do melhor estilo nos legou—e que hoje, andam um pouco esquecidas.

Araujo Correia (não é médico?) deu-nos um perfil exacto do autor do «Canhenho de um Vagamundo», fazendo ressaltar, sobretudo, o seu carácter «tripeiro». Em dedadas rápidas, mas incisivas, como num retrato a carvão, feito por mão de mestre, o novelista retratou o escritor, que se abonava na leitura dos bons clássicos, defendendo e cultivando assim a língua mater. Tem razão João de Araujo Correia, quando diz: «O estilo é como a forma da letra. Retrata o individuo». O dr. Araujo Correia foca-o como homem de cabeça cientifica e coração vernáculo. «Numa época em que o casticismo se tornou vergonha, quis Ricardo Jorge reivindicá-lo com o arreganho próprio de um *tripeiro*. Nesse afã, carregava de lusismos como quartos o seu bacamarte e ia-o desfechando, tiro após tiro, contra a bastardia».

De facto, merecia ser recolhida em livro a conferência de João de Araujo Correia. Que admirável de cor, expressão, movimento, pitoresco e sonoridade, a crónica da noite de São João, na Invicta, que Ricardo Jorge escreveu!

ROMANCE

A ULTIMA CAUSA DE RUDET e BOB KREITH TUDO PREVÊ

São sempre de boa marca os livros desta colecção «Os Melhores Romances Policiais», que nos parece ser a mais antiga. Preside a ela uma inteligente escolha. Dá-nos sempre obras vivas, palpitantes, de intensa visualidade, que tornam o leitor, afinal, devedor de interesse da famosa série, onde têm sido revelados, os melhores autores detectivescos de todo o Mundo.

Desta vez, temos a anunciar dois bons livros. Um deles, intitula-se: *Bob Kreith tudo prevê.* E' do hungaro Otto Soyka, de quem Igor Maslowski diz «ser o primeiro escritor policial da Austria» De facto, o seu livro é uma autentica rajada de emoção e mistério. Construido admiràvelmente, o leitor como que é conduzido, de olhos vendados, sem descobrir a solução do crime. Otto Soyka, em «Bob Kreith tudo prevê», como que renova a arte tão difícil do romance policial. Pelo menos, dá-lhe uma maneira original, singular, que não deixa de ser perturbante, se não empolgante. No género, podemo-lo classificar de obra-prima.

O outro livro, agora publicado, da mesma colecção: *A ultima causa de Rudet,* de Robert Bruyez, este autor francês. O caso é deveras apaixonante, sombrio e terrível. Só o conseguimos decifrar, no final, depois de o romancista nos ter prendido, seduzido, com pistas falsas, circunstancias estranhas, escondendo a verdade, como uma jóia preciosa. «A ultima causa de Rudet» (Sons les yeux de verre), tem—como dizer—uma arquitectura teatral. Cada capítulo, é um lance desconcertante e surpreendente, que nos inquieta, sufoca, fascina, levando-nos até final, sempre interrogativamente. Vê-se que o escritor francês é um mestre na matéria, que nada fica devendo a Georges Simenon. (Livraria Clássica Editora).

REVISTAS

REVISTA DE PESQUISAS ECONÓMICO-SOCIAIS

Dirigida pelo professor Salvina Cruz, acaba de ser publicada a edição para Portugal e Brasil da «Revista de Pesquisas Económico-Sociais», periódico trimestral de inquéritos e estudos práticos e técnicos, onde colaboram economistas e cientistas de projecção internacional.

A «Revista» não publica artigos, mas sim estudos de investigação económica e social que representem uma contribuição original.

São agora publicados os seguintes trabalhos: «Os Fundamentos Lógicos da Pesquisa Económica», do prof. Keneth H. Parsons, da Universidade de Wisconsin; «Os Minérios do Brasil e a Previdência Social», do prof. Salviano Cruz; «O Conceito da Moeda», do dr. Valdez dos Santos, assistente da Faculdade de Direito de Lisboa; «A Determinação de Escalas do Padrão de Vida das Famílias Rurais», do prof. William Sewell, da Universidade de Wisconsin; e o estudo do economista dr. Nuno Simões, «Investimento de Capitais na América Latina». Contém, ainda, uma bibliografia seleccionada sobre «Teoria Económica e Centros de Pjecos», e os comentários de visitas «in loco...» sobre os problemas actuais da industria textil, da produção no Ultramar e sobre a industria de conservas de peixe.

A «Revista de Pesquisas Económico-Sociais» anuncia já a saída do seu segundo numero para breve com valiosos estudos.

Esta revista, que entra agora no seu segundo ano de publicação, passa a ser editada em Carcavelos para Portugal e Brasil, onde tem já grande divulgação nos meios intelectuais, no alto comércio e na idustria.

Leiam o jornal humoristico «SEMPRE FIXE»

olivetti

LETTERA 22

indispensável como:

O TELEFONE A RÁDIO E O RELÓGIO

CARACTERÍSTICAS PRINCIPAIS:

PESO: 3,900 K. • REGULADOR DE TOQUE • TABULADOR AUTOMÁTICO • FITA DE 2 CORES

Representantes exclusivos

ESTABELECIMENTOS SIDA, L.DA - R. S. Nicolau, 46-48 - Tel. 33027 - LISBOA

Distribuidores no norte

ARAÚJO & SOBRINHO, SUCRS. - L. S. Domingos, 50 - Tel. P.P.C. 29151 - PORTO

Pérsia

Conferência que pode ser decisiva para resolver a questão do petróleo

TEHERÃO, 27—Há três horas que o embaixador dos Estados Unidos e o encarregado de Negócios da Grã-Bretanha estão em conferencia com o presidente do Conselho, dr. Mossadegh.

A presença do embaixador dos Estados Unidos parece excluir a hipótese de que o encarregado de Negócios da Grã-Bretanha se limite a entregar ao presidente do Conselho a resposta do seu Governo ao Irão sobre o problema do petróleo.

Esta conferencia tripartida parece, ao contrário, confirmar os rumores de que, no Ocidente, se resolveu fazer uma diplomacia mais construtiva e mais directa e que os Estados Unidos aceitaram assumir oficialmente as suas responsabilidades na interminável divergencia anglo-iraniana e contribuir para a sua solução. Ainda nada transpirou desta longa conversação, que decorre na residencia do dr. Mossadegh, com todas as portas fechadas. Mas é de concluir que se não for decisiva para resolver a questão do petróleo, constituirá pelo menos uma das chaves da sua solução e representa, em grande medida, novo aspecto da politica ocidental para com a Persia.—(F. P.).

A Anglo-Iranian reconhecerá a nacionalização da industria persa?

WASHINGTON, 27—Um funcionário superior americano, conhecedor das questões petroliferas, afirmou ontem á tarde ao correspondente da «France Presse» que enquanto a Anglo-Iranian Oil Company considerar de sua propriedade o petróleo extraído do Irão, e processar sempre que puder aqueles que tentarem transportar petróleo para fora do território persa, o Governo dos Estados Unidos desaconselhará as tentativas de aquisição de petróleo dessa origem. Esta indicação foi dada á margem dos comentários do secretário de Estado a respeito da missão do presidente da «Cities Service» em Teherão.

Todavia, não foi dado qualquer esclarecimento a respeito da «missão comercial» de Alton Jones, isto é, não se disse se o presidente da «Cities Service» se encontra no Irão em serviço da sua empresa. No entanto, não se afigura provável que Alton Jones se proponha não fazer caso dos avisos publicados pela Anglo-Iranian Oil Company, tanto mais que existe de facto o risco de apreensões de carregamentos com valor considerável.

Alguns observadores têm a impressão de que, provàvelmente, Alton Jones, negociante e conhecedor da psicologia dos seus pares, está persuadido de que dentro em breve a Anglo-Iranian reconhecerá a nacionalização da industria petrolifera da Pérsia, tomando-a como facto consumado; em tais condições, a reorganização da industria do petróleo persa, para a qual teria sido consultado pelo Governo do Irão, afigurar-se-lhe-ia projecto viável.—(F. P.).

As inundações em Manila

causaram 14 mortos e desaparecidos

MANILA, 27—O balanço das inundações que ontem e anteontem arrasaram a região de Manila eleva-se a 14 mortos e desaparecidos e 30 feridos. As águas estão agora a baixar regularmente e as brigadas de socorro continuam a acudir aos sinistrados.—(F. P.).

UMA COISA BELA
é uma lembrança eterna. As joias da GRANDE OURIVESARIA DA MODA têm um encanto inesquecivel.
RUA DA PRATA, 257

O discurso de Stevenson

e a reacção provocada pelas declarações de Eisenhower

(Continuação da 1.ª página)

qualquer hábil manobra diplomática ou por propaganda. Não enfrentamos ainda realmente o problema da defesa das nossas cidades contra a ameaça rápidamente crescente do poderio aéreo soviético».

Stevenson acrescentou: «Muitos só compreendem em parte ou não querem compreender que o custo da guerra fria é apenas uma fracção do custo de guerra geral».

Stevenson prestou homenagem ao general Eisenhower ,o seu rival republicano, ao dizer: «O facto de um grande general e eu sermos candidatos em competição para a Presidência não diminue o meu caloroso respeito pelos seus feitos militares», mas acrescentou: «Nem esse respeito me impedirá de fazer todos os esforços honestos para o derrotar em Novembro».

«Os Estados Unidos têm hoje poderio muito grande no Mundo e a responsabilidade é a companheira do poderio. A nossa elevada missão é utilizar o nosso poderio com tacto seguro e firme—com o dominio de si próprio que acompanha a força confiante. O objectivo do nosso poderio nunca deve perder-se pelo facto de esse poderio existir—e esse objectivo, segundo penso, é a promoção da liberdade, justiça e paz no Mundo».

Criticou os que levavam o patriotismo» longe de mais e disse: «Há homens entre nós que utilizam o patriotismo» como uma clava para atacar outros Americanos. O que podemos dizer de um homem que se proclama a si próprio patriota e, depois, por motivos politicos ou pessoais, ataca o patriotismo de servidores publicos leais? Apresento-vos como exemplo chocante os ataques que têm sido feitos á lealdade e motivos do nosso grande chefe do Estado-Maior durante a guerra, general George Marshall. Para mim, isso é o tipo de «patriotismo», que, segundo a frase do dr. Johnson, é o ultimo refugio de canalhas».

Stevenson advertiu os seus ouvintes de que não deveriam levar longe de mais o anti-comunismo. «Muitas vezes, ameaças sinistras aos direitos de liberdade de pensamento estão ocultas sob a capa patriótica de anti-comunismo»—afirmou. «Poderia acrescentar, por experiência própria, que nunca é necessário chamar a um homem comunista para obter vantagens politicas».

«Não há justificação para ataques indescriminados ás nossas escolas. Se há alguns professores comunistas, é claro que devem ser excluidos, mas essa missão não compete a policias do pensamento de nomeação própria ou a censores mal informados. Como questão prática, não conseguimos fazer parar a actividade comunista por essa forma. O que fazemos é dar aos comunistas material para nos difamarem. Sufocamos, também, a iniciativa de professores e deprimimos o prestigio da profissão docente, que deve ser tão honrada e estimada como qualquer outra, entre nós».—(Reuter).

Comentários ao discurso de Eisenhower

WASHINGTON, 27.—Nos circulos politicos desta capital pensa-se que a sensação causada na Imprensa da Europa ocidental pelo discurso do general Eisenhower no congresso da Legião Americana, dificilmente resiste a uma análise pormenorizada dos termos empregados pelo orador. Do lado democrático, há tendência para censurar o candidato republicano á Presidência pelo facto de usar uma linguagem escusadamente alarmista, e lembra-se o discurso de investidura do candidato democrático, Adlai Stevenson, em que este afirmou que os grandes problemas não podem ser resolvidos por frases sonoras ou agitando «o bastão de comando de um general». No entanto, os comentadores favoráveis a Eisenhower sublinham que a comoção suscitada pelo seu apêlo á libertação dos povos bálticos, da Polónia e Checoslováquia, talvez fizesse esquecer que o candidato republicano acrescentou: «Nada fará cessar a nossa procura dos instrumentos pacificos dessa libertação». Conviria apurar o que é que Ike entende por «instrumentos pacificos». Apesar de tudo, parece evidente que se empenhou em tomar certas precauções oratórias ou intelectuais que estão longe de merecer a aprovação geral, mesmo entre os seus partidários mais entusiastas. O «Evening Star», por exemplo, jornal republicano moderado, de há muito partidário de Eisenhower, escreve que as declarações do candidato republicano «são destituidas de significação» por duas razões principais: 1.ª—«Porque a possibilidade de libertar esses povos por meio de instrumentos pacificos são extremamente escassas e remotas», e 2.ª—Dado o simples facto que ninguém quer fazer guerra á U. R. S. S. para libertar os povos conquistados». E acrescenta: «Se o general Eisenhower acredita na guerra de libertação, o que não sucede, pela certa, ser-lhe-ia fatal, politicamente falando, preconizá-la».

Por sua vez, os circulos democráticos notam ainda, a propósito do discurso de Eisenhower, que a recusa de reconhecer a posição adquirida pela U. R. S. S. na Europa e na Asia não é elemento novo, mas é, na realidade, a tradução do estilo oratório da politica da administração Truman desde 1947. Quanto aos «instrumentos pacificos» para libertação dos povos que caíram na órbita soviética, o Partido Democrático menciona-a no seu programa. As votações das minorias nacionais precisamente provenientes dos países da Europa oriental e central constitui nos Estados Unidos factor politico muitas vezes decisivo localmente. Nenhum dos dois grandes partidos americanos o ignora. Os seus dirigentes também não desconhecem que a libertação dos países referidos por meios pacificos é um projecto eminentemente utópico que, no entanto, agrada a certos grupos de eleitores de grande influência.—(F. P.).

As homenagens póstumas a Eva Perón

BUENOS AIRES, 27.—Ontem á tarde, todos os estabelecimentos comerciais da capital, de acordo com as ordens da C. G. T., fecharam, os taxis desapareceram das ruas e os escritórios suspenderam o trabalho, a fim de permitir que os trabalhadores prestassem homenagem a Eva Perón no 30.º dia após a sua morte. Na Praça da Republica, centro da capital argentina, reuniu-se uma multidão imponente para ouvir o general Espejo, que lembrou a obra da falecida esposa do presidente Perón e acentuou que os trabalhadores devem seguir-lhe o exemplo e guardar fidelidade á sua memória. Ás 20 e 25 locais, um terno de clarins tocou «a mortos» e passados cinco minutos de silêncio, organizou-se um desfile com archotes até á sede da central sindical, onde estão os restos mortais de Eva Perón.

A comissão encarregada da construção do monumento em memória da falecida resolveu que este não seja levantado na praça inicialmente escolhida, porque é atravessada por uma linha do metropoliatno, o que impediria a realização das obras segundo o plano inicialmente previsto.—(F. P.).

OS ACEPIPES DO GAMBRINUS CONSTITUEM UMA REFEIÇÃO
Amanhã, prato especial: Arroz de frango à portuense

Egipto

Esperam-se graves acontecimentos nas próximas 24 horas

CAIRO, 27.—Na conferência de três horas que o general Naguib teve esta noite com o primeiro-ministro Aly Maher, consta que foi estudado o crescente conflito em volta da reforma agrária que, na opinião de alguns observadores da capital egipcia, poderá provocar nas próximas 24 horas importantes acontecimentos politicos, incluindo a demissão eventual do presidente do Conselho.

O jornal pro-wafdista «Al Misri» diz também que se esperam «sérios acontecimentos politicos» nas próximas 24 horas.—(F. P. e R.).

Prestou declarações o condenado á morte de Kafr-el-Dawar

CAIRO, 27—O general Neguib, depois de ter ouvido Mustafá Khamis, condenado á morte pelo tribunal militar de Kafr-el-Dawar como instigador dos incidentes que ali se registaram, disse que ainda não tinha decidido se lhe comutaria ou não a pena. O general acrescentou que as sentenças pronunciadas pelo tribunal relativamente aos 26 operários acusados de participação nos incidentes, sentenças que lhe tinham sido já comunicadas, seriam tornadas publicas dum momento para o outro.

Mustafá Khamis, a seu pedido, esteve ontem no quartel-general a prestar declarações a respeito das origens dos incidentes de 13 do corrente nas fábricas de tecidos de Kafr-el-Dawar. O condenado tinha afirmado que faria revelações sensacionais, mas até agora nada transpirou a respeito do que se passou na sua entrevista com o chefe do movimento militar.—(F. P.).

Os sindicalistas egípcios apoiam o movimento militar

CAIRO, 27 — Cerca de 600 sindicalistas egipcios, reunidos esta tarde no Cairo em conferência nacional, declararam estar na disposição de apoiar o Exército, «que tem o objectivo de dar realidade ás aspirações do povo». Na reunião aprovaram-se diversas moções, nas quais se pede a libertação do Vale do Nilo, a suspensão da lei marcial, a concessão de liberdade sindical a todos os operários e camponeses e a extensão do direito de voto ás mulheres e aos militares.

Os sindicalistas que tomaram parte na reunião, cuja orientação politica apresenta semelhanças com a da ala «progressista» do Partido Wafd, pediram também que o Governo não tome o compromisso de alterar a Constituição sem estar reunido um Parlamento resultante de eleições livres. Quanto á reforma agrária, manifestaram o desejo de que esta seja aplicada dentro em breve, com efeito retroactivo a contar da data do movimento militar, 26 de Julho corrente. Os sindicalistas entendem que o limite máximo da propriedade individual deveria ser fixado em 100 «fedãs», aproximadamente 50 hectares, e que deveria garantir-se o minimo vital aos trabalhadores agricolas.—(F. P.).

REUMATISMO ? Tofagil COMPRIMIDOS

UM RESTAURANTE DIFERENTE E MELHOR!
Tel. 23301 VERA CRUZ AO LADO DO CONDES

Ouro - Pratas - Joias
A preços sem competência, Relogios mais baratos que as tabelas. Grande Ourivesaria
BARATEIRO DE S. DOMINGOS
R. Barros Queirós, 56